

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PAULA CRISTINA DOS REIS

**A CONCORDÂNCIA DE NÚMERO NOS PREDICATIVOS EM CURITIBA:
ESTUDO VARIACIONISTA**

CURITIBA
2012

PAULA CRISTINA DOS REIS

**A CONCORDÂNCIA DE NÚMERO NOS PREDICATIVOS EM CURITIBA:
ESTUDO VARIACIONISTA**

Dissertação apresentada como requisito parcial
à obtenção de grau de Mestre em Letras/
Linguística, no Curso de Pós-Graduação em
Letras, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Odete Menon

CURITIBA

2012



PARECER

Defesa de dissertação da mestranda PAULA CRISTINA DOS REIS para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

As abaixo assinadas ODETE PEREIRA DA SILVA MENON, LOREMI LOREGIAN-PENKAL e ROSSANA APARECIDA FINAU arguíram, nesta data, a candidata, a qual apresentou a dissertação:

“A CONCORDÂNCIA DE NÚMERO NOS PREDICATIVOS EM CURITIBA: ESTUDO VARIACIONISTA”

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADA Não APROVADA
ODETE PEREIRA DA SILVA MENON		Aprovada
LOREMI LOREGIAN-PENKAL		Aprovada
ROSSANA APARECIDA FINAU		Aprovada

Curitiba, 10 de agosto de 2012

Prof. Dr. Luis Gonçales Bueno de Camargo
Coordenador

AGRADECIMENTOS

Agradecer é sempre um processo muito além de buscar na memória todos aqueles que, a sua maneira, colaboraram para que essa conquista se tornasse possível. Em momentos como esse, as palavras ganham braços e sentimentos e, numa tentativa frustrada, tentam exprimir os afetos de um coração agradecido.

Antes e acima de tudo, eu agradeço a Jesus, Deus e Senhor de tudo que tenho, sou e faço, pela presença constante em minha vida e pela condução e regência de cada detalhe.

Agradeço à minha família de sangue IVETE, NATAL, SERGIO, JANE, BRUNO por uma vida de sentimentos partilhados. De modo especial, mamãe e papai, sou grata pela presença a cada momento. Obrigada por me ensinarem que a maior herança que se pode deixar aos filhos é a educação. Obrigada por sonharem comigo, sorrirem e chorarem comigo e me sustentarem em cada crise.

Agradeço à família que a vida me deu de presente, amigos que chegaram e permanecem, construíram história e ocupam lugar único. MICHELLY BATTISTI – minha *irmã gêmea de pais diferentes*, veterinária que, durante dois anos, passou a entender *tudo* de variação linguística – CINTIA PALMA – presença que os quilômetros não separam – ADRIANA ERZINGER – sonhos divididos, palavras e silêncios preciosos.

Sou grata a todos aqueles que souberam entender as centenas de vezes que eu usei a expressão “desculpe por não ir”: EDUARDO FILHO, WAGNER TACLA, JÚLIO E HILDA e a todos os amigos da COMUNIDADE CATÓLICA VALE DA SARON.

Sou grata à amiga DEIZI LINK, por me apontar o caminho em minha volta ao *universo acadêmico* e por me fazer acreditar que era possível trilhá-lo; À professora SIDERLY BARBOSA pelas incansáveis explicações e exemplos de normas acadêmicas; Às amigas e diretoras da Escola Municipal Maria Robertina S Trevisan ODIMARA BRANDÃO e ANA CLÁUDIA DINIZ, pela compreensão e apoio; Às amigas JOELMA e EDICLÉIA GBUR, pelo incentivo de sempre, a KÁTIA WEIGERT, um sorriso sempre pronto a dizer que ia dar tudo certo, e a todas as amigas e colegas da “MARIROBER” ; Sou grata, ainda, aos meus amigos e colegas dos cursos de Letras e Pedagogia das FACULDADES INTEGRADAS SANTA CRUZ –

FARESC pelas incansáveis conversas de incentivo e, de maneira particular, às coordenadoras IVANA VICENTIN e DINAMARA MACHADO, peças fundamentais na construção dessa carreira acadêmica e profissional.

Minha gratidão especial à minha orientadora Professora Odete Menon, pelo aceite, disponibilidade, orientação e preciosa partilha de conhecimento ao longo desta pesquisa de mestrado, e à professora Loremi Loregian-Penkall pela preciosa ajuda teórica e pelas incontáveis manhãs e tardes que passamos na sala do VARSUL, em companhia do GOLDVARB.

Por último, mas não de maneira menos importante, eu agradeço a todos os meus alunos. Eles tornaram viva a expressão de Freire: “Não há docência sem discência”.

As linhas deste texto estão longe de conseguir exprimir a gratidão pelos sorrisos, pelas broncas, pelos sins e nãoos, pelas vidas que, inesperadamente, se cruzaram e ficaram... dizer que *sou grata* não exprime a felicidade da vida partilhada e da construção de uma história. As palavras ganham vida, saltam do papel, enchem-se de carinho, de lembranças, de cuidados, de emoções, de lágrimas e transbordam, aqui, em um singelo, mas significativo obrigada!

RESUMO

Adotando os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, este trabalho apresenta uma análise quantitativa do fenômeno da concordância de número nos predicativos do sujeito e do objeto, com base em dados reais da fala de curitibanos. O corpus é composto por 24 entrevistas, todas parte integrante do Banco de Dados do Projeto VARSUL – Variação Linguística Urbana da Região Sul. Este estudo apresenta um levantamento teórico acerca do fenômeno de predicação - mostrando um paralelo entre os registros teóricos apresentados pela gramática tradicional e os apresentados pelos estudos linguísticos – bem como a respeito dos pressupostos teóricos que regem a pesquisa de base sociolinguística variacionista. Na análise dos dados, apresentamos o conjunto de variáveis linguísticas e sociais relevantes na implementação da variação linguística no fenômeno em estudo. A análise, via sociolinguística quantitativa, pacote GOLDVARB2001, considerou, para o predicativo do sujeito, três fatores linguísticos (**tipo de concordância não-padrão, tipo de sujeito envolvido, presença/ausência de intensificadores nos predicativos**) e três extralinguísticos (**sexo, faixa-etária e grau de escolaridade**); para o predicativo do objeto foram considerados quatro fatores: um linguístico (**presença/ausência de intensificadores**) e três extralinguísticos (**sexo, faixa-etária e grau de escolaridade**). Em ambos os casos, a variável dependente foi a presença/ausência de marca formal de plural nos predicativos. Os resultados finais apontam para uma baixa significância das variáveis sociais, sendo selecionada pelo programa estatístico apenas a variável **sexo**; em contrapartida, as variáveis linguísticas se apresentam de forma bastante relevante sendo selecionadas como estatisticamente relevantes para o predicativo do sujeito as variáveis **tipo de sujeito e presença x ausência de intensificadores** e, para o predicativo do objeto, a variável **presença x ausência de intensificadores**. Constatou-se, então, a ausência de força dos fatores sociais no processo de variação na marcação de plural dos predicativos do sujeito e do objeto, encontrando-se, os fatores linguísticos, à frente desse processo. A relevância deste estudo se encontra no levantamento contrastivo- teórico acerca do processo de predicação e no fato de apresentarmos uma análise em nível frasal, mostrando a relação de pluralidade entre os elementos do Sintagma Nominal (SN) e do Sintagma Verbal (SV).

Palavras-chave: Sociolinguística – variação - predicativos – VARSUL.

ABSTRACT

Adopting the theoretical assumptions of Sociolinguistics Variationist, this paper presents a quantitative analysis of the phenomenon of number agreement in predicative of subject and object, based on actual data from the speech of Curitiba. The corpus consists of 24 interviews, all part of the Database Project VARSUL - Variation Linguistic Urban South Region. This study presents a theoretical predication about the phenomenon - showing a parallel between the theoretical records presented by traditional grammar and those presented by linguistic studies - as well as about the theoretical assumptions that govern basic research variationist sociolinguistics. In analyzing the data, we present a set of relevant social and linguistic variables in the implementation of linguistic variation in the phenomenon under study. The analysis via quantitative sociolinguistics, package GOLDVARB2001 considered, subject to the predicate of the three linguistic factors (type of agreement non-standard type of subject involved, presence / absence of enhancers in predicative) and three extralinguistic (gender, age- age and educational level) to the predicate of the object were considered four factors: a linguistic (presence / absence of enhancers) and three extralinguistic (sex, age group and educational level). In both cases, the dependent variable was the presence / absence of formal plural mark in predicative. Final results point to a low significance of social variables, being selected by the statistical program only to sex, however, the linguistic variables are presented fairly relevant selecionadas as being statistically relevant to the subject of the predicate variables and type of subject x presence and absence of enhancers to the predicate of the object, the variable x presence absence of enhancers. It was found, then the lack of strength of social factors in the process of change in the marking of plural predicate of the subject and the object, lying, linguistic factors ahead of this process. The relevance of this study lies in the lifting-contrastive theoretical predication about the process and the fact we present an analysis on phrasal level, showing the relationship between the plurality of elements of Noun Phrase (SN) and the Verbal Phrase (SV).

Palavras-chave: Sociolinguistics - variation - predicate - VARSUL.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Comparação de terminologias	21
Quadro 2 - Gramaticalização das posições-fonte	22
Quadro 3 - Significância das variáveis sociais.....	79
Quadro 4- Fatores linguísticos.....	82

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Predicativos do sujeito: total de ocorrência de concordância não padrão em números absolutos	53
Tabela 2 - Predicativos do sujeito: concordância padrão X concordância não padrão	57
Tabela 3 - Predicativos do sujeito e a variável sexo	58
Tabela 4 - Porcentual de ocorrências de sujeito implícito e sujeito explícito....	60
Tabela 5 - Predicativos do sujeito e a variável Tipo do sujeito	61
Tabela 6- Predicativos do sujeito e variável intensificadores	64
Tabela 7- Ocorrência dos tipos de intensificadores	66
Tabela 8- Predicativos do sujeito e a variável escolaridade.....	68
Tabela 9- Predicativos do sujeito e a variável faixa etária.....	69
Tabela 10 - Número de ocorrências de predicativo do sujeito e do predicativo do objeto	71
Tabela 11- Predicativo do objeto e a variável sexo	72
Tabela 12- predicativo do objeto e a variável intensificadores	74
Tabela 13- Predicativos do objeto e variável escolaridade	75
Tabela 14- Predicativos do objeto e variável faixa etária	77
Tabela 15- percentual de ocorrência dos intensificadores.....	84

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Porcentual de ocorrência dos três tipos de concordância não padrão	55
Gráfico 2 - Tipo de concordância: padrão X não padrão em números absolutos	57
Gráfico 3 - Porcentual de uso da variante não padrão	59
Gráfico 4 - Ocorrência dos tipos de sujeito em número absoluto	60
Gráfico 5 - Predicativos do sujeito e variável tipo do sujeito	62
Gráfico 6- Porcentual de aparecimento de intensificadores no corpus	65
Gráfico 7 - Porcentual comparativo entre os intensificadores mais usados	67
Gráfico 8 - Total de ocorrências de marcação formal X marcação formal em cada nível de escolaridade	69
Gráfico 9- Variável faixa-etária: porcentual de uso da variante não padrão	70
Gráfico 10- porcentual de ocorrência dos tipos de predicativo	71
Gráfico 11- Predicativo do objeto e a variável Sexo	73
Gráfico 12- porcentual de intensificadores – predicativo do objeto	75
Gráfico 13- variável escolaridade - comparativo entre variante inovadora e conservadora	76
Gráfico 14- variável faixa etária: comparativo percentual	77
Gráfico 15 - Predicativos do sujeito e do objeto – variável sexo	78
Gráfico 16 – predicativos do sujeito e do objeto: variáveis de prestígio X inovadora	79
Gráfico 17 – Predicativos do sujeito e do objeto – marcação formal de plural	80
Gráfico 18 – Total de ocorrência de intensificadores – predicativo do sujeito e do objeto em números absolutos	82
Gráfico 19 - Percentual de ocorrência total dos intensificadores	85
Gráfico 20 – Sujeito explícito e as marcações de plural nos predicativos	86

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	17
2.1 PREDICATIVOS: A CLASSIFICAÇÃO NORMATIVA VERSUS A GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	17
2.1.1 A questão da predicação	19
2.1.2 A gramática do Português Brasileiro e a classificação dos predicativos	20
2.1.2.1 <i>Sentenças monoargumentais</i>	21
2.1.2.2 <i>As minissentenças</i>	24
2.2 A SOCIOLINGUÍSTICA	27
2.2.1 A Variação linguística	30
2.2.2 A mudança linguística	32
2.2.2.1 <i>Os estágios e as causas da mudança linguística</i>	32
3 AS CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS	35
3.1 A CONFIGURAÇÃO SOCIAL DAS COMUNIDADES DE FALA	35
3.2 SOCIOLINGUÍSTICA E EDUCAÇÃO	36
4 METODOLOGIA	44
4.1 A SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS	44
4.2 CARACTERIZAÇÃO DA METODOLOGIA VARIACIONISTA	45
4.3 CONSTITUIÇÃO DAS AMOSTRAS	47
4.4 SUPORTE QUANTITATIVO	48
5 LEVANTAMENTO E CODIFICAÇÃO DOS DADOS	50
6 ANÁLISE DOS DADOS	53
6.1 PREDICATIVO DO SUJEITO	53
6.1.1 Variáveis linguísticas e sociais estatisticamente significativas	58
6.1.1.1 <i>Variável sexo</i>	58
6.1.1.3 <i>Variável presença X ausência de intensificadores</i>	62
6.1.2 Variáveis linguísticas e sociais estatisticamente não significativas	67
6.2 PREDICATIVO DO OBJETO	70
6.2.1 Variáveis linguística e social estatisticamente significativas	72
6.2.1.1 <i>Variável sexo</i>	72
6.2.1.2 <i>Variável Presença ou ausência de intensificadores</i>	73
6.2.2 Variáveis linguísticas e sociais estatisticamente não significativas	75
7 ANÁLISE COMPARATIVA	78

7.1 AS VARIÁVEIS SOCIAIS	78
7.2 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS.....	82
7.2.1 Os fatores estruturais: presença e ausência dos intensificadores	82
7.2.2 Os fatores estruturais: variável tipo de sujeito	85
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS.....	91

1 INTRODUÇÃO

Linguists have never been unconscious of the problem of stylistic variation. The normal practice is to set such variants aside – not because they are considered unimportant, but because the techniques of linguistics are thought to be unsuitable or inadequate to handle them.

(LABOV, 1972a, p. 48)

Este estudo apresenta uma análise quantitativa do fenômeno da concordância de número nos predicativos do sujeito e do objeto, com base em dados reais da fala de curitibanos. Os dados analisados são parte integrante do Banco de Dados do Projeto VARSUL.

Os pressupostos teóricos adotados para esta pesquisa são os que norteiam a sociolinguística variacionista e provêm da certeza da existência de uma relação sistemática entre língua e pressões internas do sistema linguístico de um lado, e forças sociais sobre a comunidade, de outro.

O objetivo precípua deste trabalho é trazer contribuições acerca do funcionamento do português, por meio da descrição das variáveis linguísticas e sociais que regem a presença ou ausência de marcas formais de plural nos dados analisados. Para tanto, fez-se necessário apresentar o conjunto de variáveis linguísticas e extralinguísticas que regem a variação da concordância de número nos predicativos do sujeito e do objeto.

Como variáveis sociais, selecionamos **sexo, escolaridade e faixa etária**. Como variáveis linguísticas nós selecionamos: **tipo de concordância não padrão, característica do sujeito e presença x ausência de intensificadores**. No que tange às variáveis sociais, objetivamos verificar qual o grau de influência desses fatores no processo de marcação não-formal de plural nos predicativos. No que diz respeito às variáveis linguísticas, elencamos objetivos diferentes para cada variável. Para o **tipo de concordância não padrão**, buscou-se verificar o número total de ocorrências com marcação não-formal de plural bem como elencar os tipos de variação existente na relação existente entre Sintagma nominal e Sintagma verbal: quais elementos aparecem com e sem marca formal de plural. Para a variável **características do sujeito**, que trata de sujeitos explícitos e implícitos nas orações, nossa hipótese é de que sujeitos implícitos tendam a inibir a perda de marcação

formal de plural do SV. A variável **presença X ausência de intensificadores** visou identificar a influência de intensificadores no processo de manutenção da marcação formal de plural nos predicativos. Para essa variável, temos a expectativa de encontrar os intensificadores como influência negativa na manutenção da marcação formal de plural.

O texto desta pesquisa está dividido em 8 capítulos. E será apresentado seguindo a seguinte ordem:

No capítulo 2, apresentamos os pressupostos teóricos necessários para o desenvolver da pesquisa proposta: o conceito de predicativo, as nomenclaturas apresentadas pela gramática tradicional e pela gramática do português falado, algumas discussões acerca da questão da predicação e, por fim, os pressupostos teóricos da sociolinguística variacionista.

No capítulo 3 apresentamos uma breve discussão relacionada à contribuição dos trabalhos de descrição sociolinguística no que se refere a uma melhor compreensão social da configuração das comunidades bem como no que diz respeito ao aprimoramento do ensino da língua portuguesa.

No capítulo 4, tratamos da metodologia seguida neste estudo. Brevemente fizemos considerações sobre a base metodológica dos estudos sociolinguísticos variacionistas; em seguida, esclarecemos a constituição das amostras utilizadas nesta pesquisa bem como o suporte quantitativo adotado.

No capítulo 5 intitulado levantamento e codificação dos dados, trouxemos um detalhamento acerca dos dados encontrados no corpus: explicações acerca dos que foram descartados do estudo; explicações sobre os dados selecionados e seu processo de codificação.

O capítulo 6 apresenta a análise das variáveis sociais e linguísticas para os dois tipos de predicativo: do sujeito e do objeto. Foram apresentados e discutidos os resultados das rodadas do programa estatístico Goldvarb 2001, feitas as análises dos dados e apresentadas discussões teóricas acerca dos resultados obtidos.

No capítulo 7 apresentamos uma análise comparativa dos dados, analisando os resultados obtidos.

No capítulo 8, apresentamos as considerações finais a respeito do fenômeno pesquisado bem como o levantando de novas hipóteses para pesquisas futuras.

Durante o desenvolver do estudo variacionista sobre o fenômeno de concordância de número nos predicativos do sujeito e do objeto, nos deparamos

com um grande número de trabalhos que explicam a estrutura do sintagma nominal (SN) e, igualmente vasto é o número de trabalhos descritivos do sintagma verbal (SV): Scherre (1978 e 1988) desenvolveu análises da concordância de número no sintagma nominal; Nina (1980) trabalhou com a concordância verbal/nominal do analfabeto na micro-região de Bragantina. Trabalhando com o banco de dados do Projeto VARSUL, podem ser citadas as pesquisas de Loregian (1996), analisando a concordância verbal com o pronome 'tu' na fala do Sul do Brasil, Loregian-Penkal(2004), trabalhando a (re)análise da referência da segunda pessoa na fala da Região Sul, Loregian-Penkal, Menon e Fagundes (2011) analisando a concordância nominal em Irati e em Pato Branco (Paraná). Nesta pesquisa, apesar de não apresentarmos dados conclusivos, trazemos como diferencial uma tentativa de análise em nível frasal, mostrando a relação de pluralidade entre os elementos do Sintagma nominal (SN) e do sintagma verbal (SV).

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Para analisar os padrões de variação e mudança na concordância de número nos predicativos do sujeito e do objeto em Curitiba/PR, embasamo-nos nos conceitos teóricos da Sociolinguística Variacionista bem como fizemos uso de suas ferramentas metodológicas. Assim, neste capítulo, com finalidade de conhecimento teórico, apresentamos o conceito de predicativo e algumas discussões acerca dele; além disso, buscamos esclarecer brevemente os pressupostos teóricos da sociolinguística.

2.1 PREDICATIVOS: A CLASSIFICAÇÃO NORMATIVA *VERSUS* A GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

As Gramáticas Normativas da Língua Portuguesa pouco tratam a respeito dos predicativos. Normalmente apresentam uma descrição bastante geral e superficial e são unânimes em descrever um predicativo como um termo que atribui característica, uma propriedade, um estado ao sujeito – se predicativo do sujeito – ou ao objeto – se predicativo do objeto.

A existência dos predicativos do sujeito é condicionada pela classificação do predicado, que deve ser nominal ou verbo-nominal. Predicado nominal é aquele formado por um verbo de ligação + predicativo, já o verbo-nominal é construído com verbos significativos. A respeito dos verbos de ligação (ou copulativos) Cunha e Cintra (2001, p 133) afirmam que “servem para estabelecer a união entre duas palavras ou expressões de caráter nominal. Não trazem propriamente ideia nova ao sujeito; funcionam apenas como elo entre este e seu predicativo”. Apesar de ser mais comumente encontrado acompanhado de um verbo de ligação, o predicativo do sujeito pode ser precedido por verbos significativos, conforme afirmam Cunha & Cintra (2001) “Não apenas os verbos de ligação que se constroem com predicativo do sujeito. Também verbos significativos podem ser empregados com ele”.

Os predicativos do sujeito podem ser apresentados, basicamente, de cinco formas diferentes, conforme apresentam Cunha & Cintra (2001, p.134)

- a) Na forma de substantivo ou expressão substantivada:
 - (1) O boato é um **vício** detestável.
 - (2) Todo momento de achar é **um perder-se a si próprio**.
- b) Expresso por adjetivo ou locução adjetiva;
 - (3) A praia estava **deserta**.
 - (4) Esta linha é **de morte**.
- c) Expresso por pronome;
 - (5) Vou calar-me e fingir que eu sou **eu...**
 - (6) O mito é o nada que é **tudo**.
- d) Expresso por um numeral
 - (7) Nós éramos **cinco** e brigávamos muito.
- e) Expresso por uma oração substantiva predicativa.
 - (8) A verdade é **que eu nunca me ralara muito com isso**.

No que tange à existência de predicativos do objeto, a gramática normativa, nas palavras de Cunha & Cintra (2001), afirma que “Tanto objeto direto como indireto podem ser modificados por predicativo. O predicativo do objeto só aparece em predicado verbo-nominal”. Nesse contexto, há um verbo significativo e transitivo e o predicativo é um modificador de seu complemento.

Segundo Cunha & Cintra (2001 p. 146), um predicativo do objeto pode ser expresso de duas maneiras:

- a) Por um substantivo:
 - (9) Chamo-me **Aldemiro**.
 - (10) Uns **a** nomeiam **primavera**.
- b) Por um adjetivo.
 - (11) Naquele ano Ismael achou o avô **mais macambúzio**.

Ao analisar os exemplos apresentados pela Gramática Normativa ao tratar de predicativos do sujeito ou do objeto e contrapô-los com os dados obtidos nesta pesquisa, observamos que alguns dados ficam sem encaixe categorial. Essa

espécie de falha apresentada pela classificação gramatical tradicional tem sido apresentada em foco por diversos estudiosos da linguística ao apresentarem dados de dupla categorização ou de categorização duvidosa ou ainda ao apresentarem dados com impossibilidade de categorização.

Para a questão da predicação, não foram suficientes as informações encontradas nas prescrições da Gramática Tradicional, o que nos levou buscar estudos descritivos que tentassem pormenorizar questões de predicação não tratadas tradicionalmente.

2.1.1 A questão da predicação

A predicação tem sido objeto de estudo e de descrição linguístico-teórica em contraposição às atribuições apresentadas pela Gramática tradicional. Castilho (2010) marca bem essa afirmação em suas obras quando afirma que “as hesitações da Gramática Tradicional (...) evidenciam que é uma tarefa árdua teorizar sobre os significados gerados pela relação entre predicador e seu escopo” Castilho (2010 p. 245)

Castilho (2010), em um dos capítulos de sua Gramática do Português Brasileiro, apresenta “O problema da predicação” e afirma que há várias concepções para a predicação. Ao apresentar o sistema da semântica o autor afirma que

a predicação pode ser definida como um processo de atribuição de traços semânticos. Um predicador transfere traços semânticos ou papéis temáticos a seu escopo. Nesse sentido, predicador e escopo constituem uma estrutura temática, a que corresponde uma estrutura argumental. Diz-se que a estrutura argumental está saturada quando todos os papéis temáticos foram preenchidos por um argumento ou adjunto. Esse conceito procede da gramática gerativa” (CASTILHO, 2010, p.243)

O ato da transferência de traço ou propriedade ao escopo produz pelo menos três tipos de predicação, conforme segue elencando Castilho (2010, p.246):

- a) Emissão de um juízo sobre o valor de verdade de classe-escopo: **predicação modalizadora;**
- b) Alteração de extensão dos indivíduos designados pela classe-escopo: **predicação quantificadora;**
- c) Alteração das propriedades intencionais da classe-escopo: **predicação qualificadora.**

Os predicadores dispõem de um potencial de escopos e a predicação pode incidir sobre mais de um escopo ao mesmo tempo. Segundo o autor, adjetivos e advérbios são bons exemplos disso. Apesar de encontrarmos na literatura evidências apontando para uma alternância adjetivo/advérbio, não dispomos ainda de muitos dados de um estudo variacionista a esse respeito, no entanto, ainda assim é possível afirmar que essa alternância constitui um fenômeno de variação.

Ao tratar predicação focalizando a sintaxe, Castilho (2010, p.249) afirma que “as propriedades semânticas da predicação têm por correlato a estrutura argumental da sentença. Projetando argumentos, a predicação cria a sentença e os sintagmas”.

2.1.2 A gramática do Português Brasileiro e a classificação dos predicativos

Castilho (2010) apresenta um quadro contrastivo com as diferentes terminologias usadas pela gramática tradicional, pela NGB e pela gramática do português brasileiro.

Quadro 1 - Comparação de terminologias

Gramática tradicional	Nova Nomenclatura Gramatical Brasileira	Gramática do Português Brasileiro
Verbo intransitivo de ligação	Predicado nominal	Verbo monoargumental
Outros verbos intransitivos	Predicado verbal	Verbo monoargumental
Verbo transitivo direto		Verbo biargumental
Verbo transitivo indireto		Verbo triargumental
Verbo bitransitivo		
Verbo transobjetivo	Predicado verbo-nominal	Sentença plena+minissentença

Fonte: CASTILHO, 2010, p..263

Valendo-nos das afirmações, comparações e terminologias apresentadas pelo autor, faremos as seguintes relações terminológicas:

- a) Predicado nominal – verbo monoargumental
- b) Predicado verbo-nominal – sentença plena + minissentença
- c) Predicativo do sujeito – sentenças monoargumentais atributivas
- d) Predicativo do objeto – minissentenças adjetivais

2.1.2.1 *Sentenças monoargumentais*

Na língua portuguesa, as sentenças biargumentais são estatisticamente mais frequentes que as monoargumentais. Castilho (2010, p.328) afirma que “há uma motivação cognitiva na organização das sentenças, o que explica o número de argumentos que elas apresentam”. Para explicar essa motivação Heine, Claudi, Hunnemeyer (1991 apud Castilho 2010, p. 329) apresentam a postulação de “proposições-fonte”, de motivação cognitiva, “de que a transitividade representa sua

gramaticalização”. Sintetizando essa afirmação, Castilho (2010) apresenta o seguinte quadro:

Quadro 2 - Gramaticalização das posições-fonte

Proposição-fonte	Gramaticalização das proposições-fonte
“X está em Y”	Proposição locativa
“X se move para/de Y”	Proposição de movimento
“X faz Y”	Proposição de ação/ atividade
“X é parte de Y”	Proposição parte-todo
X é (como) um Y”	Proposição equativa
X está em Y”	Proposição comutativa

Fonte: CASTILHO, 2010, p. 329

Ao tratar das sentenças monoargumentais, Castilho (2010, p.329) afirma que elas são divididas em pelo menos quatro tipos:

- a) Apresentacionais ou existenciais (que respondem à pergunta “quem ou o que é X”);
- b) Ergativas (em que o sujeito é argumento não controlar do estado de coisa descrito pelo verbo);
- c) Atributivas (que respondem à pergunta “como é X”);
- d) Equativas (que são sentenças equativas, usadas para estabelecer igualdade entre X e Y).

As sentenças monoargumentais apresentacionais funcionam em um discurso para a introdução de um tópico novo. Elas exibem, normalmente, as seguintes propriedades:

- a) o verbo é impessoal, organizando a estrutura sintagmática, tendo se gramaticalizado como um verbo funcional (que não atribui papel temático). Dessa forma, a predicação sentencial não é exercida pelo verbo, mas pelas expressões locativas e temporais que ocorrem com ele;
- b) o sintagma nominal único é geralmente indefinido e o verbo não dá contribuições semânticas ao argumento único. Normalmente o argumento vem posposto ao verbo, salvo quando há repetição de sentença ou quando ele é topicalizado.

Franchi, Negrão, Viotti (1998 apud CASTILHO, 2010, p. 329) apresentam alguns exemplos desse tipo de sentença:

- (12) Em são Paulo **tem** um problema específico de ter-se tornado um centro industrial.
- (13) **Tinha** um gato preto perto dela.
- (14) Ali **havia** uns eucaliptos sendo plantado lá, não?
- (15) **Existe** muitos outros meios de transporte que não são explorados.
- (16) **É** cedo./ **É** tarde./ **É** sexta-feira./ **Era** uma vez um gato de botas.

As sentenças monoargumentais ergativas possuem como propriedades o fato de a sentença não explicitar o causador da ação ou, caso explicita, o sujeito das sentenças ser um argumento não controlador do estado de coisas descrito pelo verbo.

Novamente Franchi, Negrão, Viotti (1998 apud CASTILHO, 2010, p.331) apresentam alguns exemplos desse tipo de sentença:

- (17) Os benefícios **diminuíram**.
- (18) A porta **bateu**.
- (19) Ultimamente **apareceu** um programa que estava num nível razoável.
- (20) O governo **diminuiu** os benefícios.
- (21) Alguém **bateu** a porta.

As sentenças monoargumentais equativas são usadas quando se pretende restabelecer uma relação de igualdade entre sujeito e seu equativo. É importante considerar que, segundo Castilho (2010 p. 333) “o equativo não pode ser tratado como se fosse um predicativo, como se vê em muitas gramáticas escolares, visto que ele não predica do sujeito”. Esse tipo de sentença corresponde à proposição-fonte “X é como Y”, explicitada do quadro 1.

Castilho (2010, p. 332) apresenta alguns exemplos de sentenças monoargumentais equativas:

- (22) A fita **é** a base do inquérito.
- (23) Nesta sala aqui, o professor **é** o aluno.”

As sentenças monoargumentais atributivas, apresentadas pela Gramática do Português Brasileiro, correspondem às sentenças que englobam o predicativo do sujeito, na gramática tradicional.

Segundo Castilho (2010, p. 332) “as sentenças atributivas respondem à pergunta ‘como é X’ (...). Elas qualificam o referente do argumento único ou o localizam no espaço.”

De acordo com Castilho (2010, p.332), são três as propriedades das sentenças atributivas:

- a) O verbo é preenchido por itens que integram uma classe fechada dos verbos intransitivos: **ser, estar, permanecer, ficar, tornar-se, parecer** e poucos mais.
- b) A estrutura sintática é [SN (sujeito)+V+S_{adj}/SP (predicativo)], e a predicação se concentra no sintagma adjetival preposicional que se segue ao verbo. A gramática tradicional identifica adequadamente a função do segundo sintagma ao considerá-lo como predicativo.
- c) Apagando o verbo, as sentenças atributivas podem ser convertidas num sintagma nominal.

Castilho (2010 p.332) apresenta alguns exemplos desse tipo de sentença:

- (24) O menino é alto.
- (25) O menino está doente.
- (26) O menino é de Araçatuba.
- (27) O menino está com a tia.
- (28) O menino está na rua.

Transformando as sentenças atributivas em sintagmas nominais, teríamos:

- (24.1) Menino alto
- (25.1) menino doente
- (26.1) Menino de Araçatuba.
- (27.1) Menino com a tia.
- (28.1) Menino na rua.

2.1.2.2 As *minissentenças*

Segundo Castilho (2010) minissentença é um termo

formado por *mini* e por *sentença*. O formante *mini* se justifica: as minissentenças não tem verbo pleno. O formante *sentença* foi usado porque sentenças e minissentenças compartilham propriedades (...) dentre elas, valeria a pena destacar a predicação, dada sua importância no arranjo das expressões. (CASTILHO, 2010, p.316)

O título **minissentença**- do inglês *Small Clause* – também é encontrado na literatura brasileira sob o título de **minioração**. Segundo Stowell (1983, apud CASTILHO, 2010, p. 320)

A teoria da minioração (“*small clause*”) está baseada na convicção de que esta relação semântica reflete-se uniformemente na estrutura de constituintes, no sentido de que a relação sujeito/predicado é sempre codificada sintaticamente em termos de um par de constituintes irmãos, tal como S → sujeito+predicado.

Segundo Castilho (2010, p. 316), “um verbo pleno seleciona seus sintagmas, organizando uma sentença simples. Sintagmas nominais, adjetivais, adverbiais, e preposicionais não selecionados por um verbo em forma pessoal organizam uma minissentença”. Assim, as minissentenças podem ser classificadas em quatro tipos diferentes: nominais, adjetivais, adverbiais e preposicionais.

Ainda nos valendo das palavras do autor, todas as minissentenças podem ser definidas como sintagmas que:

- a) Não são selecionados por um verbo em forma pessoal;
- b) São dotados da mesma pauta prosódica encontrável nas sentenças;
- c) Predicam entidades pressupostas;
- d) São utilizadas quando se quer imprimir rapidez ao texto.

Etiquetando um exemplo de sentença simples + minissentença, teríamos:

[os pesquisadores encontraram o povo] + [doente]

As minissentenças nominais ocorrem quando um sintagma nominal funciona como minissentença. Segundo Castilho (2010, p. 317), isso ocorre quando esse sintagma “não for selecionado por um verbo pleno. Tratando-se de expressões referenciais, esses sintagmas ‘aceleram’ no texto, agregando tópicos e propriedades de tópicos sem amarração sintática com os verbos que os antecedem”. São exemplos de minissentenças nominais:

(29) Seu maluco, seu doido!

- (30) Eu primeiro!
- (31) Ladrões para a cadeia!
- (32) Meu guarda-chuva!

As minissentenças adjetivais correspondem às sentenças que englobam o predicativo do objeto na gramática tradicional, segundo a qual sentenças dessa natureza seriam uma estrutura única, organizadas por um verbo transobjetivo, que por transpassar as relações transitivas, escolhe simultaneamente um complemento de objeto e um complemento de qualidade. Esse chamado “complemento de qualidade” é o que a Gramática do português brasileiro classifica como minissentença adjetiva.

Castilho (2010) apresenta as minissentenças adjetivais explicando que os sintagmas adjetivais podem ser organizados em minissentenças quando possuem autonomia entoacional (33), (34), (35) ou quando em adjunção com argumentos internos da sentença (36), (37). Castilho (2010, p. 319) exemplifica as afirmações acima:

- (33) **Horrível** o teu cabelo.
- (34) **Combinado**, eu como a comida e você paga a conta.
- (35) **Invisível, macio, traiçoeiro**, o tempo passa.
- (36) Os pesquisadores encontraram o povo **doente**.
- (37) O índio encarna, **idealizadas, utópicas**, a pureza e a inocência que todos perdemos na vida brutal da cidade.

Segundo Kato (1982/1988 apud CASTILHO, 2010, p. 319), há duas funções para as minissentenças adjetivais: minissentença em função de complemento (36) e minissentença em função de adjunto (37):

- (38) Considero os **meninos [inocentes]**.
- (39) Eu como **cenouras [PRO cruas]**”.

O terceiro tipo de minissentença são as adverbiais. Relativo a esse tipo de sentença, Castilho (2010, p. 319) afirma que o sintagma adjetival e o adverbial “compartilham várias propriedades sintáticas e semânticas, distinguindo-se que estes não dispõem também de morfologia flexional (...) também os advérbios funcionam como minissentenças”. Os exemplos (40), (41) e (42), apresentados pelo autor, demonstram núcleos do sintagma adverbial funcionando como minissentenças.

(40) **Aqui! Aqui!** (Jogador pedindo a bola.)

(41) Eu **também!**

(42) Isso mesmo! **Assim!**”

As minissentenças preposicionais aparecem em posição de adjunção à sentença simples, funcionam como minissentenças sintagmas preposicionais não governados por um predicador, conforme exemplificam as orações (43) e (44).

(43) Os eleitores escolheram um advogado **para prefeito.**

(44) **Sobre globalização,** eu gostaria que o senhor falasse sobre o significado no mundo moderno.”

Contrapondo os registros da gramática tradicional com estudos descritivos acerca da questão da predicação, observamos que os dados linguísticos aqui registrados constituem ocorrências que, muitas vezes, fogem às categorias lexicais tradicionalmente marcadas como predicativas. Muito embora tenhamos feito essa constatação, nesta pesquisa elencamos os predicadores tomando como base a gramática tradicional tendo em visto o número muito pequeno de estudos que se ocupam da predicação.

Como essa questão se revelou ser mais complexa do que supúnhamos inicialmente, e os estudos consultados não terem lançado muita luz sobre que direcionamentos tomar, consideramos que os dados aqui analisados possam vir a ser tratados na perspectiva de outras teorias, o que implica um desdobramento futuro do estudo.

2.2 A SOCIOLINGUÍSTICA

Desde a Conferência de Lake Arrowhead realizada na Califórnia, no início da década de 60, surgiram grandes contribuições no cenário dos estudos sociolinguísticos, entre elas, destacam-se os estudos voltados à relação língua-sociedade com finalidade de sistematização da variação da fala, realizados por William Labov.

Dentre as muitas contribuições de Labov, é destacável o estabelecimento da tradição de pesquisa empírica. Weinreich, Labov e Herzog (1968), no texto que estabelece as diretrizes para uma teoria de mudança linguística, apresentam a produção real dos falantes de uma comunidade linguística particular como o objeto primeiro de investigação linguística. Partindo dessa diretriz, investiga-se, então, a língua no seio da sociedade, considerando as relações entre contexto histórico-social e estrutura linguística, dessa forma, a língua é concebida como fenômeno social e heterogêneo. Segundo Tarallo (1990)

O modelo de análise proposto por Labov apresenta-se como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo. Foi, portanto, William Labov quem, mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada. (TARALLO, 1990, p.7)

O próprio Labov (1972a) destaca a necessidade de se olhar para a natureza da linguagem em seu contexto sociocultural para poder perceber as características sociais. “The procedures of descriptive linguistics are based upon the conception of language as a structured set of social norms” (LABOV, 1972a, p.110).

Ainda em relação à concepção de língua, Labov (1972a) afirma que ela não constitui um sistema coerente e racional, mas um sistema marcado por alterações, ou seja, por variações linguísticas relacionadas com o social. Com essas afirmações, o autor declara que a heterogeneidade e a variação são intrínsecas à língua, inerentes ao sistema e governadas por regras e passíveis de sistematização. Essa heterogeneidade ordenada, é uma característica fundamental da linguagem e é imprescindível considerá-la:

A chave para uma concepção racional da mudança lingüística - na verdade, da própria linguagem - é a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada em uma linguagem que serve à comunidade. Vamos argumentar que os comandos de estruturas heterogêneas do falante nativo não são uma questão de multidialetalismo ou mero desempenho, mas são parte da competência linguística monolíngue. Uma das consequências de nossa abordagem é que, em uma linguagem que serve uma comunidade complexa, ou seja, concreta,

a ausência da heterogeneidade num sistema linguístico é que seria não funcional.
(WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p.101 – tradução livre)¹

De acordo com Labov, o sistema linguístico não é formado apenas por regras que sempre se aplicam ou elementos que se realizam sempre de uma mesma maneira, mas também por elementos que se encontram em variação, ou seja, por variáveis linguísticas, que podem abranger duas ou mais variantes. É importante ressaltar que as variantes linguísticas têm sempre o mesmo significado referencial, embora possam diferir quanto ao seu valor social. São maneiras alternativas de se dizer a mesma coisa, num mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade.

Entendendo a variação linguística como um princípio geral e universal das línguas, passível de ser descrita e analisada, a sociolinguística pressupõe que toda variação é motivada tanto por fatores internos ao sistema linguístico, quanto por fatores externos a ele.

[...] podemos esperar que os fatores sociais estejam profundamente envolvidos na atuação do por que o estudo se fez em um lugar especial, no tempo e no espaço...o nosso primeiro problema é o de determinar os aspectos do contexto social da língua, que estão conectados com mudança linguística... seria, portanto, correlacionar os nossos dados linguísticos com as medidas de posição social ou comportamento podendo ser repetido em outro ponto no tempo. (LABOV, 1972 – tradução livre)²

São vários os fatores externos que podem atuar na seleção de uma variante: a classe social, a idade, o sexo, a escolaridade, a profissão, o local de moradia, entre outros. Todos esses fatores estão associados aos padrões de comportamento, essa associação, que varia de acordo com o tempo e o lugar, é refletida na linguagem.

¹ The key to a rational conception of language change – indeed, of language itself – is the possibility of describing orderly differentiation in a language serving a community. We will argue that nativelike command of heterogeneous structures is not a matter of multidialectalism or ‘mere’ performance, but is part of unilingual linguistic competence. One of the corollaries of our approach is that in a language serving a complex (i.e. real) community, it is **absence** of structured heterogeneity that would be dysfunctional

² [...] we can expect that social factors Will be deeply involved in the actuation problem: why it look place at the particular time and place that it did... our first problem is to determine the aspects of the social context of language that are most closely connected with linguistic change... We would therefore be wise to correlate our linguistic data with whatever measures of social position or behavior can be repeated reliable by others at other points in time. (LABOV, 1972: 47)

Dias (1996) faz uma boa síntese dos pensamentos provenientes da abordagem sociolinguística Variacionista, quando diz que

Para Labov, a língua individual é concreta e heterogênea; estrutura e heterogeneidade caminham juntas; a variação tem caráter sistemático; mudança linguística implica sempre variação (mudança é variação); a investigação linguística é mais rigorosa quando leva em conta o uso da língua no contexto social; a Sociolinguística Variacionista assume a existência de forças externas interagindo com forças internas na interpretação do funcionamento de uma dada língua; a aptidão para o emprego de regras variáveis é um dos aspectos da competência linguística; o conhecimento da língua corresponde não só ao domínio da gramática dessa língua como também ao conhecimento do valor social atribuído às formas linguísticas. (DIAS,1996,p.15)

A sociolinguística variacionista assume a existência de uma estreita relação entre variação e mudança linguística e que uma mudança implica a existência prévia de variação, no entanto, uma variação não resulta, necessariamente, num processo de mudança linguística.

2.2.1 A Variação linguística

O sistema linguístico, segundo Labov (1972a), é regido por dois tipos de regras: regras categóricas e regras variáveis. As regras categóricas são regras que não podem ser infringidas, não há alternância entre formas; já as regras variáveis se explicam quando, em um mesmo contexto, concorrem duas ou mais formas e a escolha de uma ou outra dependerá de fatores internos e externos ao sistema.

De acordo com Labov, é bastante comum a existência de formas concorrentes. Para o autor [...] “é comum que uma lingual tenha formas alternativas de dizer a mesma coisa”.³ (LABOV, 1972a, p. 188 – tradução livre).

Ainda a respeito das formas concorrentes em uma regra variável, Tarallo (2000, p. 18) afirma que “Além de possuir um mesmo valor de verdade, as variantes

³ It is common for a language to have many alternate ways of saying “the same” thing. (Labov, 1972a, p. 188).

de uma regra variável se encontram sempre em relação de concorrência: conservadoras x inovadoras, padrão x não padrão, de prestígio x estigmatizadas”.

Uma variante de prestígio está em oposição a uma estigmatizada, da mesma maneira que uma inovadora se opõe a uma conservadora. As variantes de prestígio são aquelas que, em geral, têm maior aceitação social e se impõem na sociedade como marca de prestígio e ascensão social. Tais variantes são associadas à classe social dominante. As variantes que sofrem estigmas costumam não serem aceitas pela classe dominante e são, normalmente, encontradas nas falas da classe mais baixa.

As variantes inovadoras e conservadoras são relativas ao tempo em que se encontram em uso. Em se tratando de norma padrão, a forma inovadora, muitas vezes, tem dificuldade de aceitação, podendo sofrer resistência por parte dos usuários da língua.

Há ainda que se considerar a existência de uma variação estilística, na qual o falante alterna sua fala em maior ou menor grau de formalidade, adequando-a a situação ou contexto.

As observações feitas por Labov (1972a) levam-no a postular a existência de um conflito entre as duas formas – conservadora e inovadora; tal conflito apontaria para a confirmação de uma mudança em progresso.

“Todas as observações empíricas de mudança em progresso que têm sido relatadas, são explicadas como resultado de um complexo processo de empréstimo, e são relegadas a um tipo de comportamento linguístico conhecido como flutuação ou conflito de formas” (Labov, 1972 p 164 – tradução livre)⁴

Segundo Labov (1972a), é de suma importância que o pesquisador saiba analisar de maneira correta a variável linguística, verificando com precisão o índice de frequência encontrado:

A análise correta da variável linguística é o passo mais importante na investigação sociolinguística. Nós precisamos

⁴ . All of the empirical observation of change in progress which have been reported are explained as the result of a complex process of borrowing, and are relegated to a type of linguistic behavior known as fluctuation or conflict of forms.” (LABOV, 1972 p. 164)

isolar a maior classe homogênea, na qual todas as subclasses variam da mesma forma. Se não conseguirmos fazer isso, e colocarmos juntas subclasses invariantes, de alta e baixa frequência, a nossa perspectiva da estrutura sociolinguística será desfocada.” (LABOV, 1972 p.72) – tradução livre⁵

2.2.2 A mudança linguística

A mudança linguística não é um fenômeno que se caracterize como linear, ele pode ser constante ou pode se interromper ou mudar de direção. Muito embora isso possa fazer com que classifiquemos o estudo da mudança linguística como algo não muito fácil, é possível ao pesquisador, através da observação de dados empíricos, identificar os padrões da mudança linguística, bem como seus estágios e os fatores que favoreçam ou não o desenvolver dessa mudança na língua.

2.2.2.1 Os estágios e as causas da mudança linguística

Labov (1972a), em sua obra *Sociolinguistic Patterns*, descreve três estágios para a mudança linguística: origem, propagação e conclusão.

Na "origem" de uma alteração, que é uma das inúmeras variações limitadas ao uso de algumas pessoas. Na "propagação" da mudança, ela é adotada por grande número de oradores que tal se está em contraste com a antiga forma ao longo de uma frente ampla de interação social. Na "plenitude" da mudança, ele atinge regularidade pela eliminação de variantes em competição. (LABOV, 1972/1991:123 – tradução livre)⁶

⁵ The correct analysis of the linguistic variable is the most important step in sociolinguistic investigation. We want isolate the largest homogeneous class in which all subclasses vary in the same way. If we fail to do this, and throw together invariants subclasses, high frequency and low-frequency subclasses, our view of the sociolinguistics structures will be blurred. (LABOV, 1972, p. 72)

⁶ In the ‘*origin*’ of a change, it is one of innumerable variations confined to the use of a few people. In the ‘*propagation*’ of the change, it is adopted by such large number of speakers that is stands in contrast to the older

Em alguns estudos mais recentes, Labov (2001), retoma o tema “mudança linguística” e faz algumas distinções entre as mudanças, reclassificando-as em:

- a) *incipientes* (“incipient changes”),
- b) *novas e vigorosas* (“new and vigorous changes”),
- c) *na metade de seu curso* (“mid-range changes”),
- d) *perto de completar-se* (“nearly completed changes”),
- e) *completas* (“completed changes”).

Quanto à velocidade com que as mudanças ocorrem, segundo Labov (2001, p. 132) há duas classificações: “a) vagarosas, quando quase completas; b) rápidas, quando novas e vigorosas.”

Com relação à maneira como as variáveis envolvidas em processo de mudança tendem a ser percebidas pela sociedade, Labov (2001, p. 133) afirma que pode ser de maneira máxima ou mínima: “a) máximo para mudanças quase completas; b) mínimo para mudanças novas e vigorosas.”

As mudanças linguísticas tendem a adquirir um valor social conforme o processo de mudança avança, no entanto, nem sempre se tornam um objeto de avaliação e atenção do falante mesmo se tratando de mudanças em estágios avançados. Quando em estágios iniciais, então, as mudanças dificilmente recebem avaliação social.

Os elementos envolvidos no processo de mudança linguística são classificados conforme o seu valor social. Labov (2001, p. 212) apresenta três classificações:

- a) indicadores – apresentam diferenciação social, mas não estilística, e nunca são comentados ou reconhecidos pelos falantes da comunidade;
- b) marcadores – apresentam diferenciação social e estilística e se refletem de forma mais ou menos consciente no julgamento dos falantes;

form along a broad front of social interaction. In the ‘*completion*’ of the change, it attains regularity by the elimination of competing variants. (LABOV, 1972a, p. 123)

- c) estereótipos – formas socialmente estigmatizadas pela sociedade, que são tópicos de comentário e podem ser submetidas à correção e à hipercorreção.

No processo de mudança linguística pode haver influência de fatores tanto internos quanto externos. Weinreich, Labov e Herzog (1968) reconhecem a predominância de fatores internos, nas questões relacionadas à restrição e à transição; e fatores externos, na avaliação e implementação da mudança.

Segundo Labov (2001) caberá ao pesquisador identificar quais variações são devidas a fatores externos, internos ou a ambos e ainda saber quais envolvem mudanças em curso.

3 AS CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS

Um estudo de base sociolinguística traz duas grandes contribuições: a primeira delas é a possibilidade que se tem de se tomar a língua como um dos marcos da compreensão da configuração social das comunidades, para tanto, é preciso descrevê-la, quantificar as diferenças/ variações e apontar as influências linguísticas e extralinguísticas que rejam esse processo. A segunda contribuição é ligada diretamente ao processo de ensino aprendizagem de língua materna: uma vez observada a heterogeneidade linguística, motiva-se o ambiente escolar a uma mudança de postura, abandonando hábitos e visões tradicionalistas de ensino e adotando posturas que venham a “facilitar a incorporação ao repertório linguístico dos alunos de recursos comunicativos que lhes permitam empregar com segurança os estilos monitorados da língua, que exigem mais atenção e maior grau de planejamento.” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 131).

3.1 A CONFIGURAÇÃO SOCIAL DAS COMUNIDADES DE FALA

Há um número bastante vasto de estudos sociolinguísticos nos auxiliando no entendimento da configuração da estrutura social das comunidades de fala. Podemos citar Labov e o estudo realizado na ilha de Martha's Vineyard – Costa do Estado de Massachusetts, USA. Nesse estudo, a comunidade pesquisada era constituída, basicamente, por pescadores e agricultores, mas que vinha sendo invadida por veranistas do continente o que, de certa forma, interferia em padrões tradicionais da vida do nativo daquela ilha. O resultado da pesquisa mostrou que havia uma forte correlação entre um fator sócio cultural (atitude positiva em relação à ilha) e um fator linguístico (intensificação da centralização de elementos dos ditongos /ay/ e /aw/).

No Brasil também encontramos um grande número de pesquisas sociolinguísticas corroborando no entendimento da configuração da estrutura social. A exemplo, podemos citar as pesquisas sobre concordância verbal em estudos de variedades “rurbanas” (dialetos falados por migrantes pobres em grandes capitais do Brasil): Rodrigues (1987), na cidade de São Paulo, e Bortoni-Ricardo (1984), em

Brasília e Coelho (2006), que empenhou esforços na descrição da configuração social da periferia paulistana. Ainda é possível elencar uma gama de projetos que contemplam o estudo das realidades linguísticas brasileiras, dentre eles, podem ser citados: o projeto pioneiro NURC⁷, que apesar de ainda não ser de base sociolinguística, usou gravações para registro da norma urbana culta do país; Censo RJ⁸, VALPB⁹ e VARSUL¹⁰. A partir dessas práticas descritivas regionais, os pesquisadores pretendem expor um quadro da realidade de fala do país. Tais dados podem ser aproveitados em diversos estudos e pesquisas sobre alfabetização, em estudos sobre o ensino de língua portuguesa como língua materna nas séries mais avançadas - promovendo flexibilização linguística – e na organização de material didático adequado – voltado a uma língua viva, heterogênea e permeada por variações.

3.2 SOCIOLINGUÍSTICA E EDUCAÇÃO

O sistema educacional brasileiro vem sofrendo mudanças gradativas quanto ao ensino da língua materna: a visão tradicionalista, unanimidade até poucos anos, previa o ensino de língua materna como transmissão de um modelo idealizado, que deveria ter suas regras aprendidas e utilizadas. Muito embora a escola atual ainda

⁷ NURC - projeto pioneiro coleta de dados sistemáticas e gravações que objetivou descrever os padrões reais de uso na comunidade. Para a entrevista foram selecionados falantes com escolaridade de nível superior. Uma pequena amostra das entrevistas serviram de base para constituição da gramática do português falado.

⁸ Primeiro projeto de base sociolinguística, datado dos anos 1970.

⁹ VALPB – Projeto de Variação Linguística no Estado da Paraíba. Todos os informantes desse projeto são naturais de João Pessoa e nunca se ausentaram dela.

¹⁰ VARSUL – Projeto de Variação Linguística da Região Sul do Brasil, implementado inicialmente pela UFRGS, UFSC e UFPR e, posteriormente, pela PUCRS. O projeto tem como objetivo disponibilizar a pesquisadores interessados, amostras de realizações de fala de habitantes de áreas urbanas sócio-culturalmente representativas dos estados da Região Sul do Brasil. O projeto constitui-se de: Banco de Dados VARSUL, Amostra Digital VARSUL e Banco de Dados Diacrônico e conta com o seguinte site de consulta: www.varsul.org.br

não reconheça por completo a realidade heterogênea da língua e siga se atentando à propagação da língua cultivada pela tradição gramatical - trabalhando a Língua-Padrão como única possibilidade de acerto e excluindo as demais variantes sob o rótulo de erros ou desvios- o ensino de língua materna passou a ser mais contextualizado, a transmissão do conhecimento já deu lugar a um processo reflexivo e o professor tende, cada vez mais, a ocupar um lugar de mediação no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Dias (1996), a escola segue sendo replicadora da língua cultivada pela tradição gramatical

(...) a escola ainda opta somente pela veiculação da língua cultivada pela tradição gramatical, cristalizando a variedade padrão como única correta e excluindo as demais como “formas incorretas”, “erros”, “desvios”. Em outras palavras, a escola considera a norma padrão-culta linguisticamente superior a todas as outras variedades. (DIAS, 1996, p.19)

Pesquisas sociolinguísticas têm sido relevantes na educação desde a década de 60 quando Labov (1969) apresentou a importância de entender os dialetos sociais em seu estudo sobre o inglês não padrão. Hoje as contribuições para o chamado avanço da educação têm vindo de várias áreas do conhecimento: pesquisas pedagógicas- educacionais aprimoram práticas de ensino; psicolinguística aponta a necessidade do entendimento de como se aprende, a psicologia cognitiva apontando para a multiplicidade da inteligência e a sociolinguística variacionista, com trabalhos baseados na descrição linguística, tem modificando conceitos tradicionais de homogeneidade linguística e de transmissão da Norma Culta do Português Brasileiro como finalidade única da escola.

A crença na homogeneidade linguística é propagada pela escola quando não se reconhece a língua como unidade heterogênea, quando continua a perpetuar o mito de que “somos um país privilegiado, pois do ponto de vista linguístico tudo nos une e nada nos separa” (Bortoni-Ricardo, 1984). O trabalho da sociolinguística junto à educação tem conscientizado o corpo escolar em favor da heterogeneidade linguística: o que faz com que se compreenda a ideia de que não há comportamento linguístico categórico, de uma gramática invariável, já que a variação é inerente à linguagem humana.

Entender a heterogeneidade passa por reflexões sobre o preconceito linguístico uma vez que leva o profissional da educação a um processo de reflexão sobre sua língua e não apenas de transmissão de conceitos e reprodutor de informações. Segundo Soares (1993), a prática pedagógica tem estado dissociada de suas determinações sociais e sociolinguísticas. A prática articulada da Sociologia, da Sociologia da Linguagem e da Sociolinguística tem contribuído sobremaneira a um ensino competente e comprometido com a luta contra as desigualdades sociais.

O trabalho com o profissional da educação passa por várias etapas anteriores até chegar a mudança prática em sala de aula: é preciso mais que uma mudança linguística, mas uma mudança social, ideacional e política. Conforme nos afirma Possenti (2000) ao indicar que uma vez que não se tenha o hábito de pensar sobre a língua, é comum atribuir-se o fracasso escolar ao fato de o aluno não saber escrever e nunca ao fato de o professor não saber ler as variantes linguísticas e reconhecer as diferenças dialetais.

O fracasso dos alunos em provas que exigem escrita não é só o fracasso da escola, mas o de uma sociedade que valoriza o que tem pouco valor – escrever sempre as mesmas palavras e frases – e não valoriza o que tem muito valor – a capacidade de alguém ser sujeito de um texto, de defender idéias que se articulem, mesmo que haja pequenos problemas de escrita. (...) Somos uma sociedade que valoriza ortografia e casuísticas medievais sobre correção gramatical. Mas que diz querer textos criativos e coerentes. Como já se disse, colhe-se o que se planta.” (POSSENTI, 2000, p. 55)

O desafio de um trabalho baseado em pressupostos de heterogeneidade não pressupõe a não utilização da chamada norma culta ou norma padrão, mas aponta para a necessidade de levar o educando a conhecer e usar a norma culta da língua portuguesa de forma a acrescentá-la ao português que já possuía. Conforme afirma Alkmim (2002) o fato de que sociedades como a nossa tenham, em função de razões históricas e políticas, identificado a chamada língua padrão com os usos linguísticos dos grupos urbanos socialmente superiores não pode justificar o exercício do preconceito e da discriminação linguística.

Um dos objetivos de um trabalho sociolinguístico com temas que podem ser voltados para a escola é, sem dúvida, que através de um maior conhecimento relativo a existência de variedade linguística, haja uma modificação na visão de

“erro” e de “deficiência” quanto à utilização das variantes Não padrão, e a necessidade de trabalhar no aluno a aquisição não apenas da variante padrão da língua, mas de uma ampla gama de estilos linguísticos que lhe permite um desempenho adequado nos inúmeros atos de fala. Nessa visão de ensino, é tarefa da escola instruir os falantes de português Não padrão, habilitando-os ao uso da norma Culta, sem segregação linguística, mostrando ao aluno quando uma forma ou outra deve ser utilizada, fazendo adaptação ao grau de formalidade, circunstância, ou estilo, por exemplo.

Baseando-nos em alguns pesquisadores como Castilho (1998); Mollica(1992),(1995) (1998) Moura, (1995), (1996), (1997) e Tarallo (1989), podemos afirmar que, depois de trabalhada a consciência sociolinguística do profissional de educação, é preciso um longo trabalho de mudança de posturas dos educandos. Segundo Moura (1997, p.135), “o ensino de língua pressupõe o conhecimento da realidade linguística dos usuários dessa língua”.

Em sala de aula será preciso levar o educando além das regras gramaticais: o aluno deve ser capaz de um processo reflexivo. Ao compreender a necessidade de aquisição do padrão mais formal tanto na oralidade quanto na escrita, é preciso que o educando seja capaz também de compreender que todas as variantes linguísticas são legítimas, próprias da história e da cultura de um povo. Para essa compreensão, o contato com as formas variantes e a identificação de seus diversos contextos será um bom ponto de partida. Além de tudo isso, o aluno precisa ter claro que todo falante nativo faz variação de estilo em sua fala, modificando-a de acordo com o contexto em que está inserido, com seu interlocutor, objetivo, situação, etc. ao optar por uma fala ou escrita formal, não pode ser diferente: é preciso que se tenha clareza dos objetivos de uso, das situações, do interlocutor, etc.

Ainda em se tratando do ensino da variante de prestígio, o professor precisa ter claro que o ensino da gramática não pode ser o centro das aulas de língua uma vez que essa prática não garante a formação de leitores e produtores de texto. Conforme afirma Cardoso:

[...] o texto passa a ser considerado o centro de todo o processo ensino/ aprendizagem de língua materna. O conteúdo a ser trabalhado na sala de aula é a própria linguagem, por intermédio de três práticas interdependentes: a leitura, a produção de texto e a análise linguística. (CARDOSO, 1999, p. 29)

Na atualidade, a educação assinala a grande necessidade de mudanças na prática educativa- escolar. Os Parâmetros Curriculares Nacionais já apontam para a necessidade de o professor conhecer e respeitar a variação que acontece na língua para, assim, ter uma visão mais democrática e inclusiva do ensino.

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em Língua Portuguesa, está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. (BRASIL, 1998, p. 29)

Ainda são destaque nos Parâmetros Curriculares Nacionais orientações acerca da necessidade da inclusão de atividades sistemáticas de variação linguística no ensino de língua, com a finalidade de desenvolver no aluno uma maior consciência linguística

[...] o estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa. (BRASIL, 1998, p. 82)

Tendo o professor admitido a tarefa de ajudar na formação da consciência linguística do educando, não há mais espaço para um ensino gramaticista em que a língua é considerada produto pronto e seus falantes discriminados por fazerem uso de uma variante diferente da que está registrada na gramática normativa ou nos dicionários.

Ao se falar de discriminação e preconceito voltado para a linguagem, também se estará apontando para preconceito e discriminação social, uma vez que a forma de falar considerada certa e que possui prestígio é determinada por uma classe dominante que detém o poder político, econômico e cultural. Conforme afirma Possenti (1996, p. 34) “a variedade linguística é o reflexo da variedade social e, como em todas as sociedades existe alguma diferença de status ou de papel entre indivíduos ou grupos, estas diferenças se refletem na língua”.

A realidade que encontramos em grande parte das escolas é a de um ensino homogêneo, descontextualizado e excludente. Para Scherre (2005, p. 42) “(...) um

dos maiores problemas do denominado ensino de língua portuguesa passa pela questão do preconceito linguístico.” E a prática desse preconceito de forma implícita ou explícita é, sem dúvida, um “atentar contra a cidadania” (Scherre, 2005, p. 89). O respeito é o ponto base de um ensino com menos preconceito e que valorize, além da língua, a cultura de um povo, conforme nos indica Scherre (2005, p.14) “todas as variedades linguísticas são manifestação da cultura de um povo, de um grupo, de uma comunidade, e que, portanto, merecem respeito”.

Assim como Scherre (2005), Luft (2002) ratifica a necessidade de respeito

Todas as variedades da língua são valores positivos. Não será negando-as, perseguindo-as, humilhando quem as usa, que se fará um trabalho produtivo no ensino. (...) Cada falante fala como sabe e consegue falar, não como ele ou outros desejariam que falasse. (LUFT, 2002, p. 69)

A intolerância linguística se baseia em um padrão de língua homogêneo e causa a exclusão do diferente. Scherre (2005, p. 24) enfatiza que “(...) o preconceito linguístico (...) é tão ou mais cruel do que o preconceito de religião, cor, raça, gênero e classe social.” Uma vez que a vítima do preconceito linguístico deixa de se relacionar e falar em público por acreditar que não sabe falar corretamente por não dominar as regras postas na gramática. Conforme nos afirma Luft (2010, p. 21) “Um ensino gramaticalista abafa justamente os talentos naturais, incute insegurança na linguagem, gera aversão ao estudo do idioma, medo à expressão livre e autêntica de si mesmo.”

O processo de ensino de língua materna adotado pelas escolas necessita de profundas reformulações até que se torne um ensino horizontal e democrático, deixando de lado a rigidez dos apontamentos preconceituosos. Dessa maneira, afirmamos que o modelo de ensino de gramática descontextualizada, tendo como aporte obras literárias de outros séculos deve ser substituído por um modelo contextualizado que tenha como objeto de trabalho a língua em seu contexto social de uso. Segundo Scherre (2005, p. 42) “Na maior parte das vezes, o ensino de gramática é feito de forma rígida, como se tudo que fosse diferente do que está registrado ou codificado por nossas gramáticas fosse inerentemente errado.”

O chamado estudo democrático aceita as variações que os alunos trazem para a sala de aula e, partindo delas, oferece ao educando a variante padrão e mostra a ele que existem diversas maneiras de se dizer a mesma coisas em

situações diferentes. Esse trabalho possibilita ao aluno uma reflexão consciente de que a língua não é rígida, mas adaptável aos diversos contextos e situações sociais.

Nesse contexto de ensino democrático, o professor deve se atentar para alguns importantes apontamentos para que haja sucesso no processo de ensino-aprendizagem. Bagno (1999) aponta dez condições necessárias para um ensino de língua não (ou menos) preconceituoso:

- 1) Conscientizar-se de que todo falante nativo de uma língua é um usuário competente dessa língua, por isso ele SABE essa língua. Sendo assim,
- 2) aceitar a ideia de que não existe erro de português. Existem diferenças de uso ou alternativas de uso em relação à regra única proposta pela gramática normativa.
- 3) Não confundir erro de português (que, afinal, não existe), com simples erro de ortografia.
- 4) Reconhecer que tudo o que a Gramática Tradicional chama de erro é na verdade um fenômeno que tem uma explicação científica perfeitamente demonstrável.
- 5) Conscientizar-se de que toda língua muda e varia. O que hoje é visto como “certo” já foi “erro” no passado. O que hoje é considerado “erro” pode vir a ser perfeitamente aceito como “certo” no futuro da língua.
- 6) Dar-se conta de que a língua portuguesa não vai nem bem, nem mal.
- 7) Respeitar a variedade linguística de toda e qualquer pessoa, pois isso equivale a respeitar a integridade física e espiritual dessa pessoa como ser humano, porque
- 8) a língua permeia tudo, ela nos constitui enquanto seres humanos. Nós somos a língua que falamos. Assim,
- 9) uma vez que a língua está em tudo e tudo está na língua, o professor de português é professor de TUDO.
- 10) Ensinar bem é ensinar para o bem. Ensinar para o bem significa respeitar o conhecimento intuitivo do aluno, valorizar o que ele já sabe do mundo, da vida, reconhecer na língua que ele fala a sua própria identidade como ser humano (BAGNO, 1999, p. 166-168)

A reformulação do ensino tende a se voltar para o ensino globalizado, pautado na leitura e na escrita, tendo o texto como o centro do processo de ensino. Assim, é função da escola formar leitores capacitados, educandos capazes de ler, não apenas textos, mas o mundo que os cercam, de interpretar os infinitos universos semânticos ao qual são expostos, de entender os múltiplos espaços geográficos e a diversidade cultural pela qual transitam. Nesse sentido, é possível afirmar categoricamente: todo trabalho que possa aproximar a sociolinguística da educação estará, automaticamente, contribuindo para a compreensão da língua e da configuração social das comunidades de fala e a prática pedagógica do professor de

língua materna aliada à sociolinguística educacional tem contribuído significativamente para que o ensino seja mais democrático e contextualizado.

4 METODOLOGIA

No desenvolver desta pesquisa foram adotados os princípios metodológicos da Teoria Variacionista, que apresenta como objetivo estabelecer, via procedimento estatístico-quantitativo, a gramática da comunidade de fala.

4.1 A SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS

Para a testagem do fenômeno de variação de número nos predicativos do sujeito e do objeto, foram eleitas variáveis sociais e linguísticas.

As variáveis sociais são as mesmas eleitas no processo de seleção dos dados para o banco VARSUL: **sexo, escolaridade e faixa etária**.

Após análise das variáveis linguísticas utilizadas por Dias (1996), constatamos a necessidade de criar variáveis mais específicas para que pudéssemos analisar de maneira satisfatória o fenômeno a que nos propudemos. As variáveis linguísticas, então, são: **tipo de concordância não padrão, característica do sujeito e presença x ausência de intensificadores**.

Sob o título de **Tipo de concordância não padrão** buscou-se verificar o tipo de variação existente na relação existente entre SN e SV na configuração dos predicativos do sujeito e do objeto. Com a análise dos dados dessa variável foi-nos possível traçar um paralelo entre o número de ocorrências com marca forma de plural e o número total de ocorrências com concordância não padrão.

Além do número total, optamos em observar a estruturação das sentenças que apresentaram marcação não formal de plural. Por essa razão, nomeamos três tipos de estruturas e buscamos suas ocorrências no corpus analisado. O primeiro tipo de concordância pesquisada, nomeada como tipo 2, apresenta o sujeito e o verbo com marcação formal de plural, havendo ausência de marcação formal apenas no predicativo; O segundo tipo, nomeado de 3, apenas o sujeito apresenta marca formal de plural; O terceiro tipo, nomeado de 4, apenas o sujeito e o predicativo apresentam marca formal de plural.

Para essa variável, nossa expectativa é de que sejam encontradas estruturas apenas dos tipos 3 e 4.

As **características do sujeito** dizem respeito ao fato dele estar explícito na oração ou ser implícito/desinencial. Para essa variável nossa hipótese é de que sujeitos implícitos tendam a inibir a perda de marcação formal de plural do SV.

A **presença X ausência de intensificadores** é uma variável eleita para identificar a influência de intensificadores no processo de manutenção da marcação formal de plural nos predicativos tanto do sujeito quanto do objeto. Para essa variável, temos a expectativa de que a presença de intensificadores influencia na marcação não-formal do plural nos predicativos.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DA METODOLOGIA VARIACIONISTA

Labov (1972a) afirma serem cinco os princípios básicos que caracterizam a metodologia variacionista: princípio de mudança de estilo; efeito de monitoramento de fala; importância do vernáculo; formalidade na entrevista; primazia dos dados.

O princípio da mudança na fala afirma que todo falante mostra variabilidade linguística conforme mudanças no contexto social, ou seja, não existe um falante de estilo único.

O princípio do efeito monitorado afiança que os estilos de fala podem ser medidos pelo nível de monitoramento, as falas casuais que envolvam assuntos de experiência pessoal são as menos monitoradas e quanto menor o grau de monitoramento maior a obtenção de dados para a análise da estrutura linguística.

Como decorrência do segundo princípio, surge o terceiro: a importância do vernáculo. Em um estilo cujo monitoramento é mínimo é possível obter os dados mais relevantes para a análise da estrutura linguística.

No quesito formalidade na entrevista, quarto princípio, Labov (1972a) afirma que qualquer observação sistemática por parte do entrevistador, criará um ambiente formal, de fala monitorada. Finalmente, o quinto princípio, primazia dos dados, declara que as respostas às entrevistas linguísticas somente podem ser obtidas por entrevistas diretas, com o melhor equipamento de gravação.

Partindo desses cinco princípios, Labov promove um modelo de análise metodológica que investiga o vernáculo da comunidade de fala, ou seja, a fala natural, não monitorada, em situações normais de interação social. “The aim of linguistic research in the community must be to find out how people talk when they are not being systematically observed [...]”. (LABOV, 1972b, p. 214)

O principal mecanismo usado para facilitar o acesso ao vernáculo do entrevistado é obter dele narrativas de experiência pessoal em que o entrevistado se mostre envolvido emocionalmente, o que o leva a se preocupar com o que está narrando e não com o modo em que está fazendo isso.

Para facilitar a conduta das entrevistas, Labov (1984) mostra um módulo conversacional, do qual o entrevistador se utiliza para elaborar um plano de entrevistas. Essa proposta de Labov constitui-se em um grupo de questões focalizando tópicos como perigo de vida, brincadeiras de infância, premonições, entre outros.

O módulo funciona como um recurso do qual o entrevistador faz uso para elaborar um plano de entrevistas em que as perguntas formuladas são guias para se obter do entrevistado o estilo coloquial. No processo de entrevista, o entrevistador deverá administrar o plano que possui, adaptando-o de acordo com o entrevistado, flexibilizando seu roteiro e enfocando temas e tópicos que tenha percebido predileção do entrevistado.

Labov(1984) ressalta ainda que o pesquisador deve fazer uma revisão de suas escolhas gramaticais e lexicais afastando qualquer tipo de evidência de formação superior que venha a deixar o entrevistado inibido ou levá-lo a monitorar sua fala.

É importante ressaltar que há uma política de proteção dos dados e da identidade do informante. Segundo Labov(1984) é primordial que o informante esteja ciente de que a entrevista que está fornecendo está sendo gravada. Além disso, o entrevistador deve deixar claro ao informante que o material gravado nunca será divulgado e que, caso os dados sejam utilizados em pesquisa, a identidade do falante será sempre preservada.

4.3 CONSTITUIÇÃO DAS AMOSTRAS

Para este estudo foi considerada uma amostra de vinte e quatro informantes, do banco de dados do Projeto VARSUL, distribuídos igualmente segundo três categorias sociais estratificadas pela equipe: sexo (masculino e feminino), faixa etária (de 25 a 49 anos e mais de 50 anos) e escolaridade (primário, ginásio e colegial¹¹).

O Projeto VARSUL teve como meta “armazenar e colocar à disposição dos pesquisadores interessados, amostras de realizações da fala de habitantes enraizados em áreas urbanas sócio-culturalmente representativas de cada um dos três estados da Região Sul do Brasil”. (Costa & Knies 1995). E tem como principal objetivo o fornecimento de subsídios para o desenvolvimento de pesquisas da variedade linguística falada nos centros urbanos da região sul.

Seguindo o modelo do Projeto Censo RJ, a coleta dos dados do projeto VARSUL seguiu os princípios da metodologia sociolinguística laboviana. Assim, o processo de coleta se deu em dois momentos.

Primeiro o entrevistador foi a campo a fim de localizar o informante que preenchesse os requisitos básicos necessários: falar apenas o português (questo não válido em áreas bilíngues); morar na cidade pelo menos 2/3 da sua vida; não ter morado fora da região por mais de um ano no período de aquisição da língua nativa (entre 2 e 12 anos).

Após detectar o informante com perfil compatível ao que busca, o entrevistador se apresentou como sendo um pesquisador interessado em desenvolver um trabalho sobre como “vive, o que pensa, o que faz, como se diverte, em que acredita o verdadeiro morador da cidade” (COSTA e KNIES, 1995). É importante ressaltar que em nenhum momento o entrevistador disse ao informante o verdadeiro objetivo de seu trabalho e pesquisa: a análise da fala.

¹¹ A nomenclatura dos níveis de escolaridade sofreram alterações. Hoje, o primário corresponde ao chamado Ensino fundamental I; o Ginásio correspondendo ao Ensino fundamental II e o colegial ao chamado Ensino Médio. Optamos em utilizar nesta pesquisa a nomenclatura anterior à mudança para nos manter em consonância com a codificação dos dados do VARSUL.

Uma vez tendo obtido a permissão para a realização da gravação, o entrevistador preencheu uma ficha social, com dados e características sociais do falante, levantando dados importantes para a elaboração do roteiro de entrevistas.

Tendo os dados coletados, o entrevistador marcou a segunda entrevista, que teve duração média de uma hora, em um local em que o entrevistado se sentisse à vontade. Tal atitude visou obter um maior grau de informalidade, não obstante a interferência normal da presença do gravador. Nesse momento, o entrevistado foi levado a discorrer a respeito de sua cidade, sua história de vida, suas crenças, suas experiências pessoais e sobre outros assuntos que possam ter surgido.

Com a finalidade de avaliar em termos quantitativos o efeito dos fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam os fenômenos de mudança e variação na fala, foi utilizado o programa estatístico de análise probabilística GOLDVARB 2001, uma versão para ambiente *Windows* do programa VARBRUL.

4.4 SUPORTE QUANTITATIVO

A heterogeneidade linguística não é aleatória, mas sistemática, ordenada, regulada e segue padrões sociais e linguísticos de variação. Assim, a Teoria da Variação rompe com o pensamento tradicional da existência de uma unidade linguística em que a língua era objeto invariante e passa a tratar a variável linguística como estrutura variante, contínua e quantitativa.

A Sociolinguística Variacionista Quantitativa permite depreender e avaliar em termos quantitativos o efeito de fatores linguísticos e extralinguísticos condicionantes dos fenômenos de mudança e variação da língua. Baseando-se nessa finalidade, David Sankoff desenvolve o programa computacional VARBRUL¹², cuja função é, justamente, medir os efeitos de variáveis independentes sobre a variável dependente. Segundo Scherre (1988), o VARBRUL é um instrumento de análise que “quantifica a influência relativa de cada variável, atribuindo pesos probabilísticos devidos aos diversos fatores das diversas variáveis”.

¹² Variable Rule Analysis

Apesar da consistência do programa VARBRUL, não optamos em usá-lo pela dificuldade de rodá-lo em computadores modernos, uma vez que o ambiente DOS é a base operacional usada pelo programa. No desenvolver desta pesquisa, utilizamos o programa GOLDVARB2001, que é uma versão do pacote de dados VARBRUL para ambiente Windows .

O GoldVarb 2001 foi desenvolvido na Universidade de York, como um projeto colaborativo entre o Departamento de Língua e Linguística e o Departamento de Ciências da Computação. (ROBINSON, LAWRENCE & TAGLIAMONTE, 2001), é um programa executável, que dispensa instalação prévia de componentes, e, assim como seu precursor, oferece resultados em números absolutos, percentuais e pesos relativos. Além disso, analisa a significância de cada variável codificada, pré-seleciona as mais relevantes e descarta as de menor relevância. O programa foi criado com base em seu antecessor, Goldvarb 2.0, executado unicamente em computador Machintosh.

5 LEVANTAMENTO E CODIFICAÇÃO DOS DADOS

Após a delimitação do fenômeno a ser estudado, procedemos a identificação e o levantamento dos dados relevantes, encontrando um total de 511 ocorrências, nas 24 entrevistas.

Depois de criteriosa análise restou para estudos probabilísticos um total de 408 ocorrências de predicativos, separadas em dois grandes grupos: predicativos do sujeito, com 318 ocorrências e predicativos do objeto, com 90 ocorrências. Foram, portanto, descartados 103 ocorrências:

a) Dados com ocorrência de elisões e neutralizações:

(45) Eram melhor **dada as** aula. (CTB01MAP)¹³

(46) Eles? Nem **gerentes são**. (CTB02MAS)

b) Dados com sujeito coletivo, resumidor ou genérico:

(47) **Todo mundo** era felizes, mais felizes. (CTB13MBP)

(48) A **gente toda** eram humildes. (CTB15MBG)

(49) As criança, os adulto, **tudo** nós ia feliz (CTB13MBP)

c) Casos em que foram identificadas possíveis influências do entrevistador:

(50) Entrevistador: E eles **brincavam** bastante pra fora ou não?

Entrevistado: assim, eles **brincava** faceirinho ... **brincavam** faceirinho.

(CTB 16 F B GIN)

Após a identificação e separação dos dados, estes foram organizados de forma apropriada ao processo de codificação, ou seja, os dados foram transformados em códigos identificáveis pelo programa computacional GOLDVARB2001.

¹³ Ao lado dos exemplos foram inseridos códigos contendo as seguintes informações: origem do falante (CTB – Curitiba); número da entrevista da VARSUL (de 1 a 24); Sexo do entrevistado M (masculino) e F (feminino); Faixa etária A (faixa etária de 25 a 50 anos) e B (faixa etária acima de 50 anos) e escolaridade P (primário), G(ginásio), C (colegial).

Para o processo de codificação foram eleitos símbolos para as variantes da variável dependente e para cada um dos fatores dos grupos de fatores ou variáveis independentes.

Num primeiro momento, os dados de predicativo do sujeito e do objeto haviam sido codificados juntos. No entanto, ao fazer a rodada do programa estatístico, observamos a presença de *knockout*¹⁴ que impossibilitariam o prosseguimento da pesquisa. Optamos, então, em recodificá-los, rodá-los e analisá-los separadamente.

Os dados do predicativo do sujeito foram codificados com uma sequência de sete caracteres, contando após a abertura do parêntesis.

Na segunda coluna, temos a codificação binária da variável dependente: P e N, indicando, respectivamente, presença e ausência de marca formal de plural nos predicativos/participios analisados.

Nas terceira, quarta e quinta colunas encontramos as variáveis sociais **escolaridade, faixa etária e sexo**, codificadas com os símbolos P (primário), G (ginásio), C (colegial) na terceira coluna, A (faixa etária de 25 a 50 anos) e B (faixa etária acima de 50 anos) na quarta coluna, M (masculino) e F (feminino) na quinta coluna.

Nas colunas seis, sete e oito encontramos as variáveis linguísticas: **tipo de concordância não padrão, característica do sujeito e presença x ausência de intensificadores**.

Sob o título da variante linguística **concordância não padrão**, foram agrupados três tipos de ocorrência: as codificadas com o numeral **2** (em que sujeito e verbo aparecem com marca formal de plural, mas o predicativo do sujeito é apresentado sem marca); as codificadas com o numeral **3** (em que apenas o sujeito é uma estrutura com marca formal de plural, encontrando-se tanto o verbo quanto o predicativo sem marca formal) e as ocorrências codificadas com o numeral **4** (em que sujeito e predicativo são estruturas com marca formal de plural, enquanto o verbo não apresenta marca). Para essa mesma variante, usou-se o fator **não se aplica** - simbolizado pelo caractere /.

¹⁴ “Um nocaute (knockout), na terminologia de análise do GOLDVARB, é um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente” (cf. Guy & Zilles, 2007)

A respeito das características do sujeito, codificamos como E as estruturas que apresentavam sujeito explícito e como I as estruturas com sujeito implícito, também conhecido como sujeito desinencial.

Os dados da coluna oito são referentes à **presença X ausência de intensificadores** antecedendo o predicativo do sujeito. Apesar da existência de vários grupos responsáveis pelo fenômeno de intensificação no português falado no Brasil, consideramos neste estudo apenas os intensificadores lexicais padrões, descritos pela gramática tradicional: advérbios e locuções adverbiais de intensidade. Feita essa segmentação, codificamos os dados com a letra P quando presença de intensificador e com a letra A quando ausência de intensificador.

Os dados do predicativo do objeto foram identificados com uma sequência de seis caracteres, a contar após a abertura do parêntesis.

Assim como na codificação dos dados do predicativo do sujeito, na segunda coluna, temos a codificação da variável dependente P e N, indicando respectivamente presença e ausência de marca formal de plural nos predicativos analisados.

Nas colunas três, quatro e cinco encontramos as variáveis sociais: escolaridade, faixa etária e sexo, que seguem a mesma codificação das respectivas variáveis nos dados do predicativo do sujeito.

Na coluna seis encontramos a variável linguística **presença X ausência de intensificadores**, que também segue a mesma segmentação e codificação apresentada nos dados do predicativo do sujeito.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentaremos a análise dos dados considerando separadamente predicativos do sujeito e do objeto.

6.1 PREDICATIVO DO SUJEITO

Para analisar a concordância de número nos predicativos do sujeito, consideramos seis variáveis, sendo três sociais e três linguísticas.

- 1- Escolaridade
- 2- Faixa etária
- 3- Sexo
- 4- Tipo de concordância não padrão
- 5- Tipo de sujeito
- 6- Presença X ausência de intensificadores

Após executarmos uma primeira rodada, a variável linguística **Tipo de concordância não padrão** foi retirada por apresentar *knockout*.

Tabela 1- Predicativos do sujeito: total de ocorrência de concordância não padrão em números absolutos

Tipo de concordância não padrão	Apl./Total
(2) Sujeito e verbo com marca formal de plural	135/176
(3) Sujeito com marca formal de plural	41/176
(4) Sujeito e predicativo marcado e verbo não marcado	0/176

Apesar da exclusão da variável tipo de concordância não padrão, os dados indicam dois pontos bastante relevantes:

a) As formas de variação de concordância não padrão encontradas nos dados

Nos dados analisados, há dois tipos de concordância não padrão quanto à marcação de plural nos predicativos do sujeito: do tipo 2, em que apenas o predicativo se encontra sem marca formal de plural e do tipo 3, em que apenas o sujeito é formalmente marcado.

Vejamos alguns exemplos de orações do tipo 2:

- (51) O Maurício e o Pedro são sim. **Eles são igual, né?** (CTB18FAC)
- (52) **Os terreno eram grande,** cabia as duas casas e sobrava.(CTB01MBP)
- (53) **Os bairros eram violento** sim, mas era menos eu acho. (CTB23MBP)
- (54) As crianças? (...) Acho que era igual hoje. **Eram sapeca que só,** ah eram! (CTB20FBP)

Observemos alguns exemplos de orações do tipo 3:

- (55) As prova era, veja, **as matéria era mais difícil,** parece que. (CTB22FBG)
- (56) **As mulher era bobinha,** não tinha muita voz. (CTB17MB)
- (57) **As praias parecia mais limpa do que hoje.** (CTB14FBP)
- (58) Acredita que **os amigo continua unido** até hoje? (CTB13MBP)

Não foi encontrada nos dados a variante codificada como 4, em que sujeito e predicativo apareceriam com marca formal de plural, enquanto o verbo seguiria sem marcação. Tal sequência, não recorrente no português brasileiro, constituiria uma estrutura como:

- (59) * **Os meninos é bonitos.**

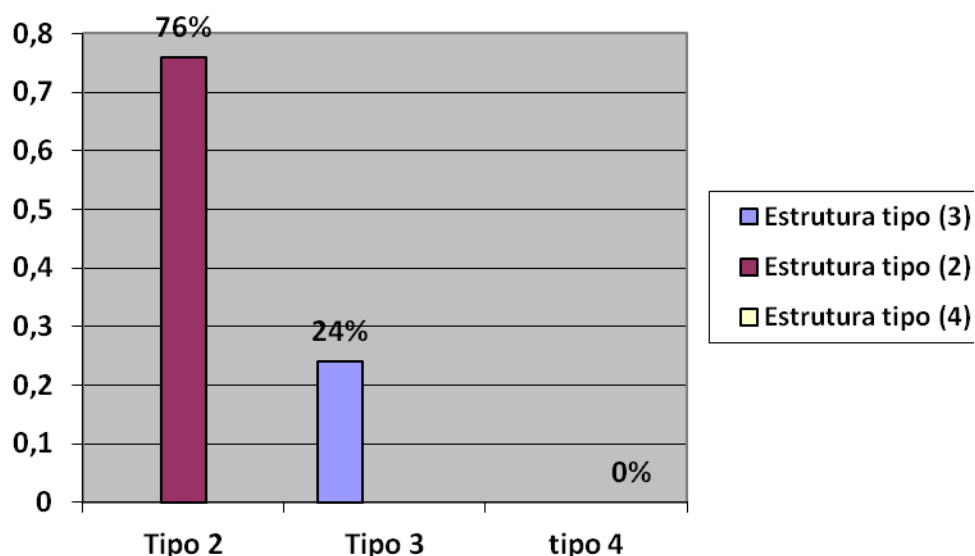
Considerando que todos os entrevistados são falantes nativos de língua portuguesa e linguisticamente competentes, a não ocorrência de tal variável em nosso corpus de análise e a inexistência de trabalhos que abordem esse tipo de ocorrência, levantamos a hipótese de que esse tipo de estrutura em língua portuguesa configura um caso de agramaticalidade e por essa razão não é

produzida, uma vez que falante nativo algum produziria enunciados agramaticais, conforme afirma Bagno (2005)

Todo falante nativo de uma língua é um falante plenamente competente dessa língua, capaz de discernir intuitivamente a gramaticalidade ou agramaticalidade de um enunciado, isto é, se um enunciado obedece ou não às regras de funcionamento da língua. Ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou respirar (BAGNO, 2002, p. 74).

O gráfico 1 apresenta com maior clareza as porcentagens de ocorrência dos tipos de concordância não padrão.

Gráfico 1 - Porcentual de ocorrência dos três tipos de concordância não padrão



15

Analisar a concordância de número do predicativo do sujeito é proceder a uma análise que extrapola o nível de um sintagma, sendo necessária uma análise em nível frasal, em que buscamos observar e quantificar as diferentes combinações de marcação de plural entre os elementos do Sintagma Nominal (SN) e do Sintagma

¹⁵ Todos os gráficos apresentados nesta pesquisa foram elaborados pela autora (2012)

Verbal (SV). Não foram encontrados estudos anteriores que abordassem tal combinação e que pudessem nos servir como referência teórica mais aprofundada. No entanto, pudemos extrapolar algumas afirmações feitas em estudos de estrutura de SN para nossa hipótese em nível frasal.

Corroborando com a hipótese de agramaticalidade da estrutura apresentada, Guy (1981 apud Scherre 1988 p. 186) levanta a hipótese de que a concordância de número entre os elementos do sintagma nominal se daria da esquerda para a direita, sem haver possibilidade de saltar elementos: "(...) ela não seria capaz de saltar sobre as palavras, produzindo sequências marcada; não-marcada; -marcada" .

A hipótese de impossibilidade de existência de sequências do tipo M+0+M (elemento marcado+elemento não marcado+elemento marcado) no interior do SN é confirmada por Scherre (1988) "Acreditamos, portanto, que a concordância de número entre os elementos do SN em português opera realmente da forma proposta por Guy (1981): aplica-se ao nóculo do SN da esquerda para a direita sem saltar nenhuma palavra, a não ser as que não podem ser marcadas". Dessa maneira, acreditamos ser possível utilizarmos da mesma hipótese em nível frasal, uma vez que encontramos na estrutura a mesma sequência: Sujeito marcado pelo plural, verbo sem marca de plural, seguido de predicativo do sujeito com marca de plural, portanto, M+0+M.

A hipótese de agramaticalidade permanecerá em aberto para estudos futuros, uma vez que necessitaremos de uma pesquisa minuciosa e em um *corpus* estendido.

b) o número total de ocorrências de concordância padrão X o número de ocorrências de concordância não padrão de plural.

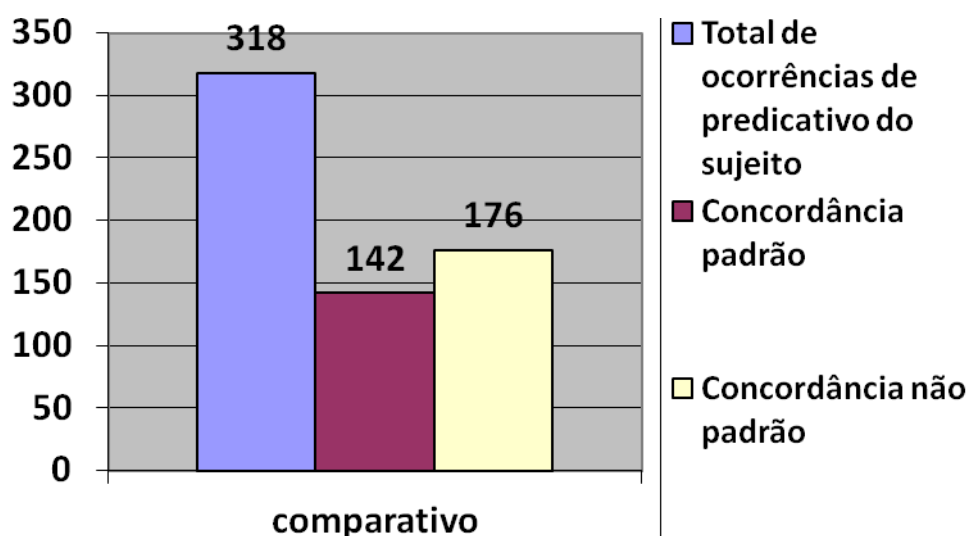
Para contrapor as formas variante padrão da língua e variante não padrão, optamos em criar um novo grupo de análise, fruto do agrupamento do total de ocorrências das variantes dos tipos 2 e 3, intitulá-lo de concordância não padrão e contrapô-las ao total de ocorrência de estruturas com marca formal de plural.

Tabela 2 - Predicativos do sujeito: concordância padrão X concordância não padrão

Tipo de concordância	Apl./Total	Porcentual aproximado
Concordância padrão	142	44%
Concordância não padrão	176	56%
Total	318	

Ao proceder à análise, observamos que as ocorrências encontradas no grupo de concordância não padrão é, aproximadamente, 12% superior às do grupo com marca formal de plural, uma vez que dos 318 casos de predicativo do sujeito analisados, apenas 44% apresentaram-se em estruturas com concordância padrão/formal de plural.

Gráfico 2 - Tipo de concordância: padrão X não padrão em números absolutos



Após a exclusão da variável **Tipo de concordância não padrão**, foi feita nova rodada estatística e foram selecionadas pelo GOLDVARB2001 como estatisticamente significativas uma variável social e duas linguísticas: sexo, tipo de sujeito e presença ou ausência de intensificadores. Foram descartados os grupos faixa etária e escolaridade, nessa ordem.

6.1.1 Variáveis linguísticas e sociais estatisticamente significativas

6.1.1.1 Variável sexo

Em *Principles of Linguistic Change – Social Factors (2001)*, Labov discorre acerca do chamado paradoxo do gênero (Gender Paradox), e apresenta duas afirmações importantes:

- a) quando se trata de mudanças vindas de cima, chamadas de *changes from above*, as mulheres utilizam mais as formas de prestígio do que os homens.
- b) quando se trata de mudanças vindas de baixo, chamadas de *changes from below*, as mulheres são as líderes da mudança linguística

Na tabela abaixo, apresentaremos os resultados da variável social sexo referente à presença de marca formal de plural na estrutura do predicativo do sujeito.

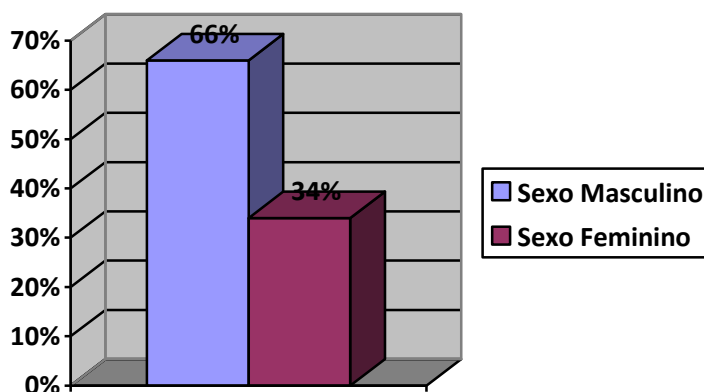
Tabela 3 - Predicativos do sujeito e a variável sexo

Log likelihood = -212,400 Significance = 0,000

Sexo	Apl./Total	Porcentual	Peso Relativo
Masculino	55/158	34%	0,36
Feminino	87/160	54%	0,63
Total	142/318	44%	

No que tange à marcação formal de plural nos predicativos do sujeito por falantes de Curitiba, o sexo feminino não favorece o uso da variante inovadora, mostrando os homens à frente da mudança, conforme demonstra o gráfico 3.

Gráfico 3 - Porcentual de uso da variante não padrão¹⁶



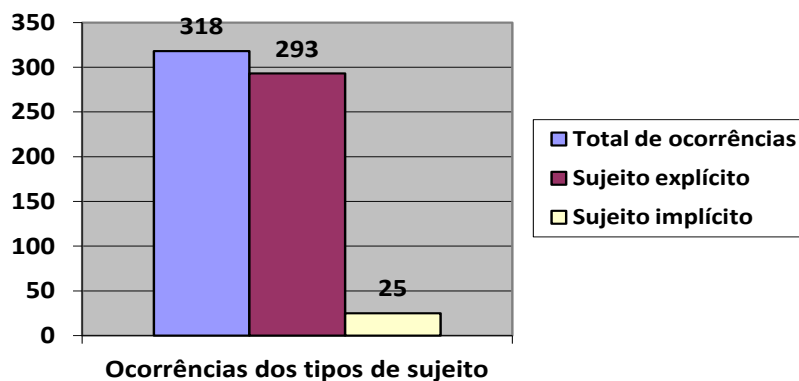
Utilizando-nos das afirmações de Labov (2001) e aplicando-as às quantificações obtidas em que o sexo feminino mantém, na maioria, a variante de prestígio, podemos afirmar, então, que há indícios de um fenômeno de mudança vinda de cima (*change form above*).

6.1.1.2 Variável tipo do sujeito

A análise da variável **Tipo do sujeito** nos permite afirmar que em língua portuguesa, frases com sujeito explícito são encontradas em número bastante superior às com sujeito implícito.

¹⁶ Os percentuais usados no gráfico provêm do cálculo do restante que há da aplicação da tabela 3.

Gráfico 4 - Ocorrência dos tipos de sujeito em número absoluto



Observando percentualmente esses números, encontramos polarizações bastante significativas:

Tabela 4 - Porcentual de ocorrências de sujeito implícito e sujeito explícito

Tipo de sujeito	Ocorrência	Porcentual aproximado
Explícito	293	92%
Implícito	25	8%
Total	318	

É expressivo o percentual de ocorrências de orações com sujeito explícito em língua portuguesa. Partindo dessa observação, podemos afirmar haver na língua uma tendência de preenchimento do sujeito. Considerando esse fato, partimos para a quantificação das marcações de plural procedendo um comparativo com o número de ocorrências de cada tipo de estrutura frasal analisada.

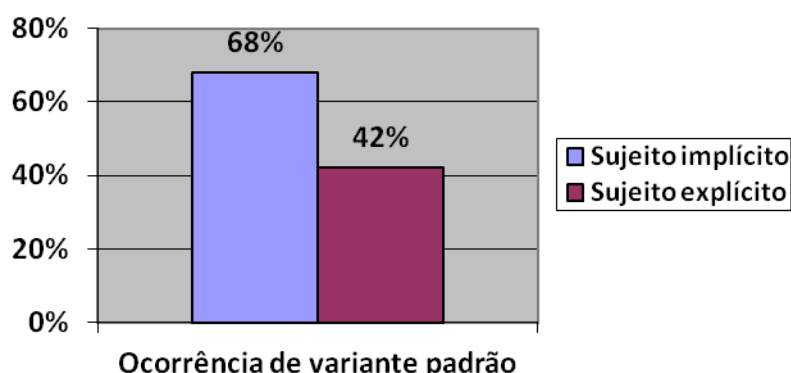
A tabela 5 apresenta os resultados da variável linguística **tipo de sujeito**, mostrando os percentuais e pesos relativos referentes à presença de marca formal de plural nas estruturas do predicativo do sujeito.

Tabela 5 - Predicativos do sujeito e a variável Tipo do sujeito
(Log likelihood = -215,597 Significance = 0,015)

Tipo sujeito	de	Apl./Total	Porcentual	Peso Relativo
Sujeito explícito		125/293	42%	0.47
Sujeito implícito		15/25	68%	0.79
Total		142/318	44%	

Em uma estrutura frasal formada por sujeito explícito, a informação numérica aparece anterior ao verbo, sendo então desfavorecido o uso de marcação formal de plural no predicativo do sujeito. Em contrapartida, em estruturas com sujeito desinencial, a marcação de número tende a ser mantida por inexistir explicitamente algum referencial plural anterior.

A partir da variável tipo do sujeito, concluímos, então, que a marcação formal de plural é mantida em maior número em estruturas com sujeito desinencial, conforme demonstra porcentualmente o gráfico abaixo:

Gráfico 5 - Predicativos do sujeito e variável tipo do sujeito

6.1.1.3 Variável presença X ausência de intensificadores

O fenômeno da intensificação apresenta-se descrito nos estudos de Pottier (1978 apud Lopes 1992) como “um conjunto de processos aplicáveis ao domínio sêmico do contínuo que permite aumentar, diminuir ou manter numa posição medial a intensidade de uma noção”.

A intensificação é um fato da língua que se pode apreender em vários níveis ou funções discursivas, que serão determinadas pelo contexto predominando os elementos afetivos e opcionais do falante, dessa forma, o emissor toma explicitamente posição no discurso ao intensificar uma apreciação ou um julgamento de valor.

Muito embora a gramática tradicional não se estenda a falar do grupo de palavras com funcionalidade de intensificação, limitando-se a identificar, explicar e exemplificar os advérbios de intensidade, no português falado podemos encontrar vários recursos de intensificação, entre eles estão os intensificadores lexicais, intensificadores por repetição, por silabação, entonacionais e por prolongamento de sílaba.

Segundo Lopes(1992) os adjetivos são intensificadores por natureza e na língua portuguesa, como um dos recursos de intensificação, nós usamos de adjetivos simples que possuem em seu significado algo que entendamos como intensificador.

Os adjetivos usados como intensificador apresentam gradação, como na oposição *bonito x simpático* do diálogo apresentado por Lopes(1992), dando a entender que bonito está em um grau mais elevado que simpático. Observe:

L1: e é tão bonito né?

L2: o clube é... é um clube:: clube simpático

L1: L clube simpático

L2: é uma região operária

Segundo Lopes (1992) o adjetivo simpático, no contexto apresentado, equivale a modesto e que bonito seria algo mais glamuroso.

Há casos em que substantivos são usados como intensificadores. É o caso de *máximo* no exemplo apresentado por Lopes(1992):

(60) O máximo de lazer dos adolescentes era cinema.

Por categorização gramatical, *máximo* é um adjetivo, mas que é usado como substantivo em determinados contextos. No exemplo apresentado o substantivo *máximo* é usado como marcador de intensidade.

Ilari (1993 apud Guimarães 2010 p.3) afirma que os advérbios podem ser definidos como expressões com função de modificadores em construções em que o valor do argumento é igual ao valor total da construção formada por ele e pelo modificador. A respeito dos advérbios Guimarães(2007) afirma que os estudos e classificações são bastante deficitários:

A mais detalhada classificação dos advérbios ao longo de vinte e dois séculos seja a encontrada precisamente na *Techné Grammatiké* de Dionísio da Trácia (Chapanski, 2003), e que nenhuma mais detalhada possa ser encontrada após ela até o final do século XX. Ao longo dos séculos, as gramáticas continuaram a listar apenas as “principais” categorias de advérbios, e mesmo a lingüística descritiva, que se propôs a suprir todas as falhas e lacunas da gramática, demorou um pouco para acordar para as classes mais “periféricas”, dentre elas os advérbios. (GUIMARÃES, 2007,P..2)

Guimarães (2007 p,3) afirma, ainda, que as gramáticas do português têm se limitado, ao longo de três séculos, a uma simplificação da classificação dionisiana o que se observa é uma repetição de “ vocabulário de termos, sem que se apresente qualquer definição sobre as propriedades de cada classe, além do rótulo dado a ela, e sem nenhuma reflexão a fim de se descobrir se as classes de advérbios herdadas são só essas, ou se são mesmo essas.”

Os advérbios, de acordo com Ilari(1993 apud Guimarães2007) podem ser divididos em duas categorias: os predicativos e os não- predicativos. Enquanto os primeiros “predicam uma propriedade da qualidade ou ação que se predica do sujeito” (Ilari 1993 apud Guimarães 2007 p.4) os segundos exercem outro tipo de predicação.

Os advérbios predicativos estão divididos em quatro grandes classes, conforme o tipo de propriedade que é predicada: advérbios qualitativos, intensificadores,modalizadores e aspectualizadores.

Observando sintaticamente os advérbios, Guimarães(2007) indica que

Considerando-se o valor sintático das expressões modificadas, essas subclasses podem ser reagrupadas em dois grupos: modalizadores e aspectualizadores são essencialmente advérbios sentenciais, ou seja, o objeto de sua predicação é a sentença como um todo; qualitativos e intensificadores, por outro lado, são eminentemente advérbios de constituintes, diferindo entre si pelo tipo de propriedade que cada um deles predica da qualidade ou ação expressa pelo sujeito (qualificação e intensificação, respectivamente). Os advérbios intensificadores compreendem, basicamente, as expressões muito, pouco, mais e menos.
(GUIMARÃES,2007,P.5)

Nesta pesquisa, consideramos quantitativamente os intensificadores lexicais na forma de advérbio ou locução adverbial de intensidade, ficando outras formas de intensificação para pesquisas futuras.

A tabela 6 apresenta os resultados de presença de marca forma de plural nos predicativos do sujeito, considerando **a variável linguística presença e ausência de intensificadores.**

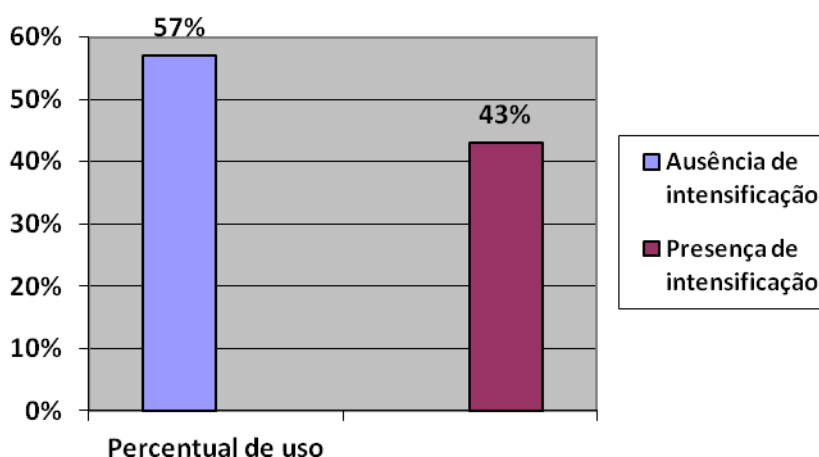
Tabela 6- Predicativos do sujeito e variável intensificadores
(Log likelihood = -216,366 Significance = 0,038)

Intensificadores	Apl./Total	Porcentual	Peso Relativo
Presença	70/136	51%	0.60
Ausência	72/182	39%	0.42
Total	142/318	44%	

A análise dessa variável linguística nos proporciona duas observações interessantes: a primeira diz respeito ao número de ocorrências de estruturas com e sem presença de intensificadores; a segunda, quanto a marcação formal de plural e sua relação com a presença de intensificadores.

Quanto às estruturas, orações com ausência de intensificadores são mais recorrentes na fala de curitibanos que estruturas com presença de intensificação. O gráfico 6 nos apresenta o percentual de ocorrência das duas variantes.

Gráfico 6- Percentual de aparecimento de intensificadores no corpus



Estruturas sem intensificadores correspondem a 182 das 318 ocorrências, enquanto orações com presença de intensificação são encontradas 136 vezes, dentro do mesmo total.

A segunda observação nos leva a afirmar que, ao contrário do que propúnhamos, a presença de intensificadores na oração influencia positivamente na marcação formal de plural. Essa constatação nos levou a uma nova pesquisa nos dados para que levantássemos o quadro de intensificadores mais utilizados pelos falantes.

Essa nova análise tem como objetivo o levantamento de novas hipóteses que tentem explicar a influência da presença dos intensificadores na marcação formal de plural.

Exemplos encontrados no corpus

- (60) Elas são **muito** envergonhadas mesmo. (CTB13MBP)
- (61) Sim, sim, eu sei que aqui eles foram **muito** felizes. (CTB15MBG)
- (62) Os terreno e as casa são **bastante** grande. (CTB03MAG)
- (63) As lição era no capricho, era **muito bem** feita. (CTB04FAG)
- (64) Não sei se as criança era **mais** educada ou os professor **mais** rígido.
(CTB04FAG)
- (65) Eu olhava, olhava mesmo! As mulheres tinham que ser **bem** caprichosas. (CTB06FBC)
- (66) As cidades novas eram pobre **por demais**. (CTB07MAP)

Após o levantamento dos principais intensificadores utilizados, nos foi possível montar a tabela 7, que nos indica os três principais intensificadores e seus percentuais:

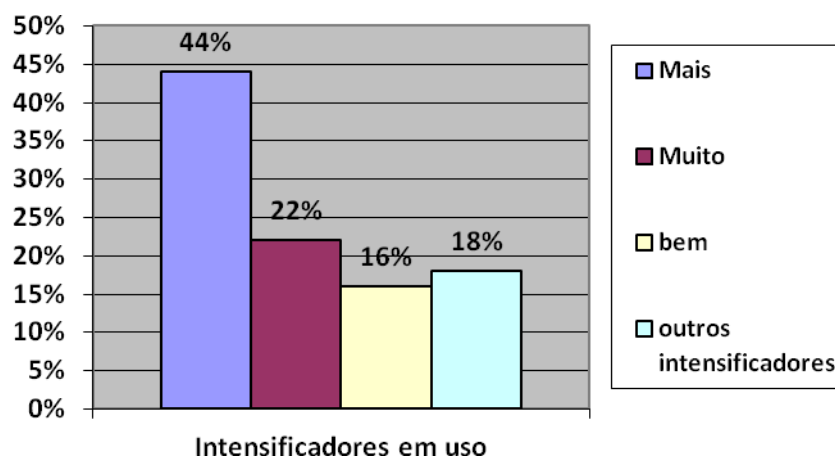
Tabela 7- Ocorrência dos tipos de intensificadores

Intensificadores	Apl./Total	Porcentual aproximado
Mais	60/136	44%
Muito	30/136	22%
Bem	21/136	16%
Outros intensificadores	25/136	18%

Conforme é possível observar, o intensificador **mais** se apresenta em uso de forma bastante significativa em estruturas de predicativo do sujeito com marcação formal de plural. O gráfico número 7 nos apresenta uma visão comparativa dos

números percentuais, possibilitando uma melhor visualização dos resultados obtidos:

Gráfico 7 - Porcentual comparativo entre os intensificadores mais usados



Na observação do processo de intensificação, levantamos alguns pormenores que, por hora, não serão abordados, mas que seguirão em registro para estudos e abordagens futuras:

- I) Qual a relação da marcação formal de plural com a posição do intensificador? Intensificadores pospostos ao predicativo do sujeito têm menor influência?
- II) A estrutura do intensificador (se formado por uma ou mais palavras ou o número de sílabas que o formam) influencia na constância da marcação formal de plural da estrutura?
- III) Qual a relação das outras estruturas da sentença e suas marcações de plural com a presença dos intensificadores? O sintagma verbal apresenta-se mais ou menos marcado em estruturas com intensificadores?

6.1.2 Variáveis linguísticas e sociais estatisticamente não significativas

Após a seleção das variáveis significativas, apontadas pela execução do chamado *Step Up*, o programa estatístico Goldvarb2001 apontou, por meio do Step

down, duas variáveis sociais como estatisticamente não significativas: escolaridade e faixa etária, nessa ordem.

As tabelas 8 e 9 e seus respectivos gráficos apresentarão dados referentes às variáveis não selecionadas pelo programa estatístico.

Tabela 8- Predicativos do sujeito e a variável escolaridade
(Log likelihood = -218,410 Significance = 0,828)

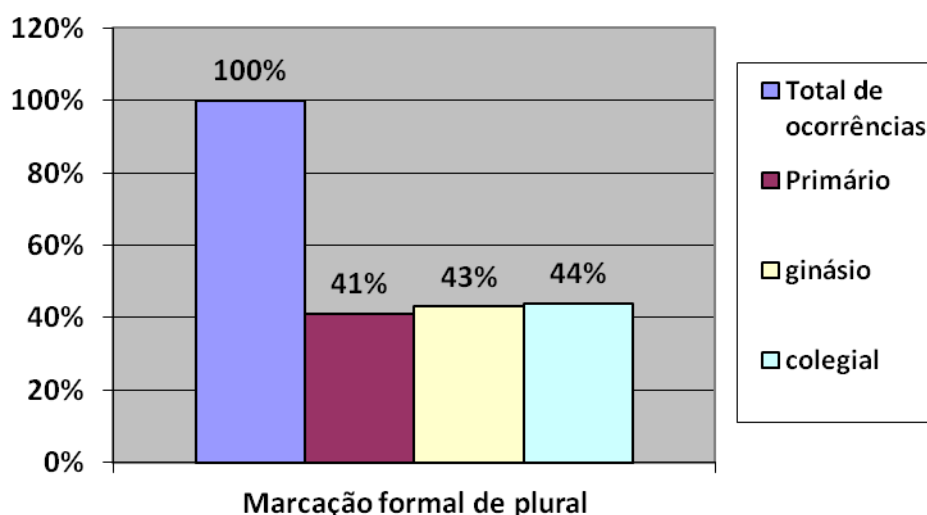
Escolaridade	Apl./Total	Porcentual
Primário	42/89	41%
Ginásio	62/144	43%
Colegial	38/85	44%

Ao analisarmos e compararmos o uso da forma padrão de plural nas três faixas de escolaridade, observamos que, entre elas, há uma regularidade numérica em seu uso, o que nos apresenta um porcentual de uso de marcação de plural muito próximo um do outro. Essa proximidade torna a variável social escolaridade não significativa.

A exclusão dessa variável aponta para o fato de que o nível de escolaridade não mostra relevância no processo de variação linguística no que se refere a marcação de plural nos predicativos do sujeito, ou seja, a variável escolaridade não está sendo decisiva para os rumos de implementação da regra de variação.

Essa regularidade descrita fica ainda mais evidente ao observamos graficamente um comparativo porcentual entre o total de ocorrências de marcação formal de plural *versus* as ocorrências formais de cada faixa de escolaridade.

Gráfico 8 - Total de ocorrências de marcação formal X marcação formal em cada nível de escolaridade



Relativo à variável social Faixa etária, também não encontramos significância ao proceder à análise desta variável, o que acarretou em sua não-seleção. Da mesma forma que a variável escolaridade, a faixa etária também não apresenta influência na regra. Os dados relativos à faixa etária estão descritos na tabela 9 e em seu respectivo gráfico.

Tabela 9- Predicativos do sujeito e a variável faixa etária
(Log likelihood = -218,378 Significance = 0,507)

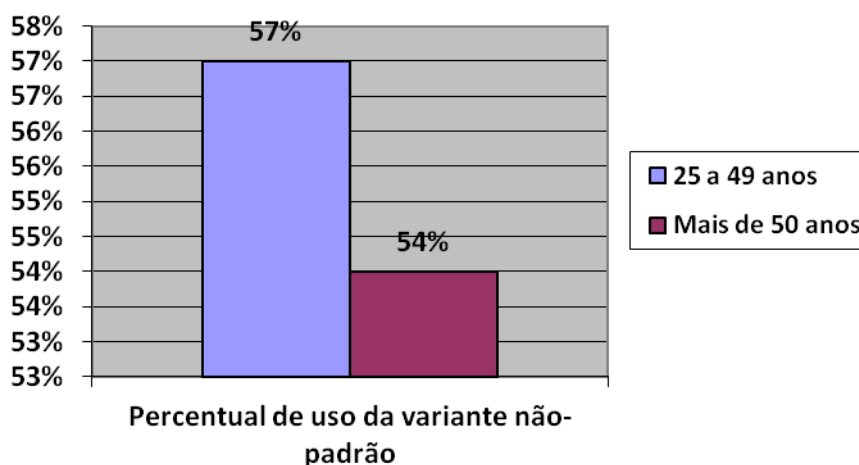
Faixa etária	Apl./Total	Porcentual
25 a 50 anos	77/179	43%
Mais de 50 anos	65/139	46%

Com um porcentual bastante próximo, as faixas não apresentam pólos numéricos relevantes para o um processo de variação. Muito embora a variável tenha sido considerada não significativa estatisticamente, um dos objetivos desta pesquisa tende a observar se o caso da marcação de plural nos predicativos constituía um caso de variação estável ou de uma mudança em progresso, o que perpassa a variável faixa-etária.

No que tange à idade dos entrevistados, uma mudança em progresso é marcada pela utilização da variável inovadora com mais frequência na faixa etária mais jovem; já um processo de variação estável é caracterizada por um padrão curvilíneo, no qual as faixas intermediárias apresentariam a maior frequência de uso das formas de prestígio.

Conforme nos apontam os dados, apesar de porcentualmente muito próximos, a variável inovadora é usada com mais frequência pela faixa jovem, o que poderia ser indício de uma mudança em progresso.

Gráfico 9- Variável faixa-etária: percentual de uso da variante não padrão



6.2 PREDICATIVO DO OBJETO

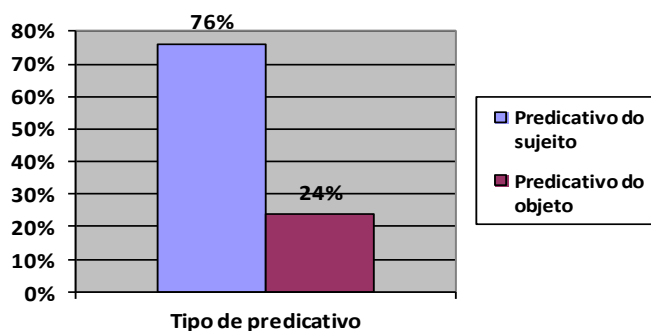
O levantamento de dados realizado mostrou uma diferença numérica bastante grande quando comparamos o número de ocorrências de estruturas frasais com predicativo do sujeito com estruturas com predicativo do objeto, conforme observamos na tabela 10 e em seu respectivo gráfico.

Tabela 10 - Número de ocorrências de predicativo do sujeito e do predicativo do objeto

Tipo de predicativo	Apl./Total	Porcentual
Pred. do sujeito	318/408	76%
Pred. do objeto	90/408	24%

A diferença bastante significativa de mais de 50% fica ainda mais evidente quando observada no gráfico número 10.

Gráfico 10- porcentual de ocorrência dos tipos de predicativo



Os dados levantados nos possibilitam afirmar que a probabilidade de ocorrência de predicativos do sujeito em língua portuguesa é aproximadamente três vezes superior à do predicativo do objeto.

Para analisar a concordância de número nos 90 casos encontrados de predicativos do objeto, consideramos quatro variáveis, sendo três delas sociais e uma linguística.

- 1- Escolaridade
- 2- Faixa etária
- 3- Sexo
- 4- Presença ou ausência de intensificadores

Após realizarmos a rodada com o programa estatístico, duas variáveis foram selecionadas como significativas: **sexo e presença ou ausência de intensificadores**. Importante ressaltar que tanto a variável social quanto a linguística também foram selecionadas como significativas nas rodadas feitas com os dados de predicativo do sujeito.

6.2.1 Variáveis linguística e social estatisticamente significativas

6.2.1.1 Variável sexo

A variável social **sexo** foi a primeira a ser selecionada pelo programa estatístico, mostrando uma significância bem próxima a zero. A tabela 11 apresenta os resultados da rodada com essa variável social:

Tabela 11- Predicativo do objeto e a variável sexo

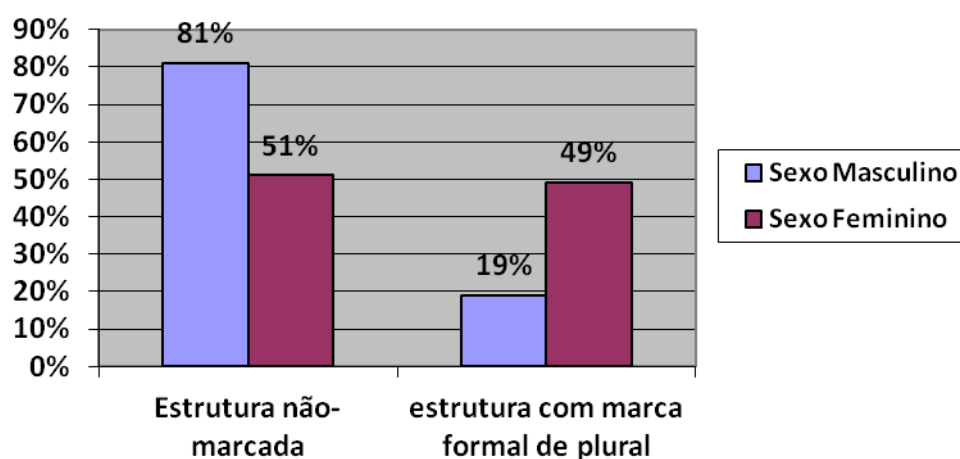
Log likelihood = -51,155 Significance = 0,004

Sexo	Apl./Total	Porcentual	Peso Relativo
Feminino	29 /59	49%	0.63
masculino	6 /31	19%	0.25
Total	35/90	38%	

Baseando-nos nos dados dessa variável, temos subsídios para propor que, no que tange o predicativo do objeto, os homens se apresentam à frente da mudança linguística, uma vez que o sexo feminino permanece massivamente fazendo uso de estruturas com marca formal de plural.

O gráfico 11 apresenta um comparativo de ocorrências de predicativos do objeto com e sem marca formal entre as variantes da variável sexo.

Gráfico 11- Predicativo do objeto e a variável Sexo



Analisando os dados numéricos obtidos com a variável sexo e nos aportando no chamado paradoxo do gênero, de Labov (2001), podemos afirmar que o sexo masculino se mostra à frente no que se refere ao uso da variável inovadora; Dessa forma, afirmamos não se tratar de uma *Change from below*.

6.2.1.2 Variável Presença ou ausência de intensificadores

A segunda variável selecionada pelo programa estatístico foi, assim como no predicativo do sujeito, a *Presença ou ausência de intensificadores*. No levantamento dos dados, consideramos os intensificadores lexicais padrão, descritos pela gramática tradicional e brevemente explanados quando tratamos dessa mesma variável no predicativo do sujeito.

A tabela 12 apresenta os resultados da rodada com a variável **presença ou ausência de intensificadores**:

Tabela 12- predicativo do objeto e a variável intensificadores

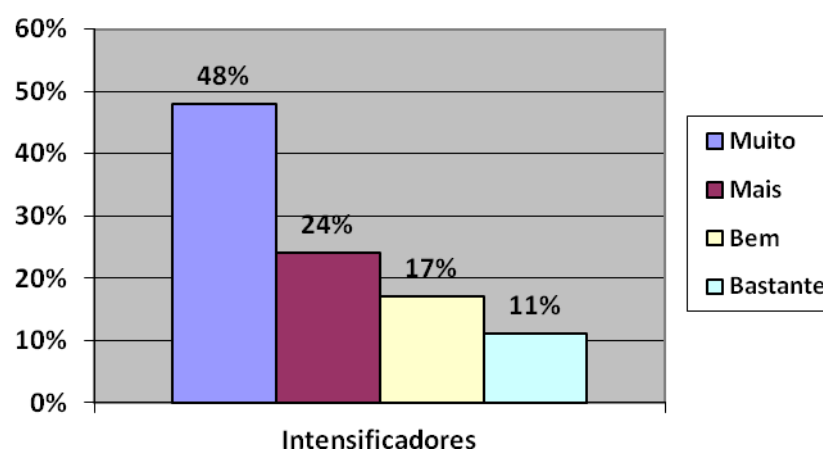
(Log likelihood = -57,877 Significance = 0,006)

Intensificadores	Apl./Total	Porcentual	Peso Relativo
Presença	12/17	70%	0.82
Ausência	23/73	31%	0.41
Total	35/90	38%	

A presença de intensificadores leva-nos a uma frequência maior de marcação formal de plural. Essa constatação não esperada, levou-nos a uma volta aos dados em busca de novas hipóteses que pudessem explicar tal fato. Optamos, então, em fazer um levantamento dos intensificadores encontrados.

- (67) O quintal (...) tinha sempre flores **muito** perfumadas.
(CTB04FAG)
- (68) Compramos pouca coisa pra começar (...) compramos umas maquininhas **bem** velhas. (CTB07MAP)
- (69) Tudo organizadinho, meus pais tinham muita coisa, ganhavam coisas **bastante** caras, digo, nós ganhávamos coisas **mais** cara que de muita gente que podia comprar, sabe pro padrão da época a gente tinha (...)(CTB11MAC)

Do total de 17 intensificadores encontrados no *corpus* do predicativo do objeto com marcação formal de plural, identificamos um total de 4 tipos: o intensificador **muito** (8 ocorrências), **mais**(4 ocorrências), **bem** (3 ocorrências) e **bastante** (2 ocorrências). O porcentual aproximado de uso de cada um é descrito no gráfico 12

Gráfico 12- porcentual de intensificadores – predicativo do objeto

O levantamento dos tipos de predicativo que atual na influência da marcação formal de plural do predicativo do objeto não nos indica um processo conclusivo, no entanto, gera novas hipóteses que poderão ser retomadas em estudos futuros.

6.2.2 Variáveis linguísticas e sociais estatisticamente não significativas

Na execução do *step down*, o programa estatístico assinalou como não significativas duas variáveis, sendo ambas sociais. Nessa ordem, foram descartadas escolaridade e sexo.

A tabela 13 nos apresenta os dados da variável escolaridade:

Tabela 13- Predicativos do objeto e variável escolaridade

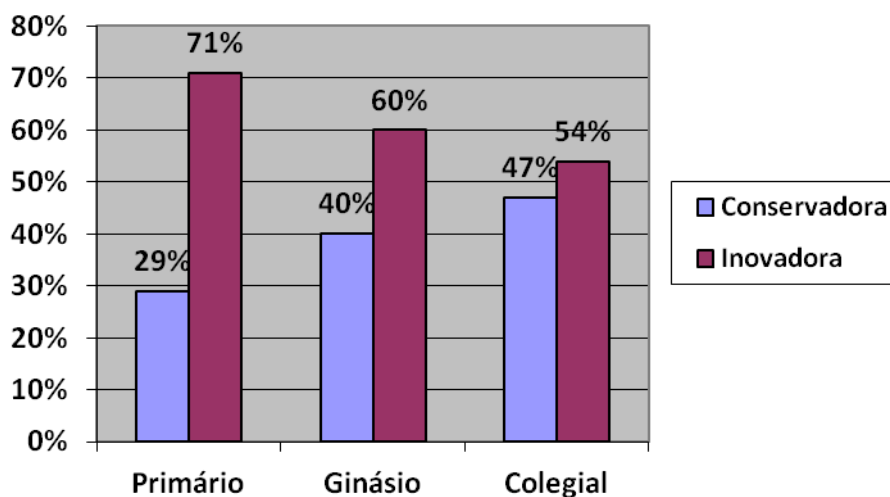
Log likelihood = -59,318 Significance = 0,449

Faixa etária	Apl./Total	Porcentual
Primário	8/27	29%
Ginásio	18/44	40%
Colegial	9/19	47%
Total	35/90	38%

Do total de 90 ocorrências de predicativos do objeto, observamos que a variante inovadora é encontrada em maior número que a conservadora, e muito embora estejam bastante equiparadas as utilizações entre os três níveis de escolaridade, porcentualmente, a faixa de menor instrução apresenta um maior uso da variável inovadora que as demais.

O gráfico 13 apresenta um paralelo entre o percentual de utilização das variantes inovadora e conservadora em cada nível de escolaridade analisado.

Gráfico 13- variável escolaridade - comparativo entre variante inovadora e conservadora



O percentual da utilização de marcação formal de plural nos três níveis de escolaridade nos indica que, apesar do nível de instrução não ser estatisticamente significativo nesta análise, a variante não padrão é de uso numericamente superior em todos os níveis da variável escolaridade.

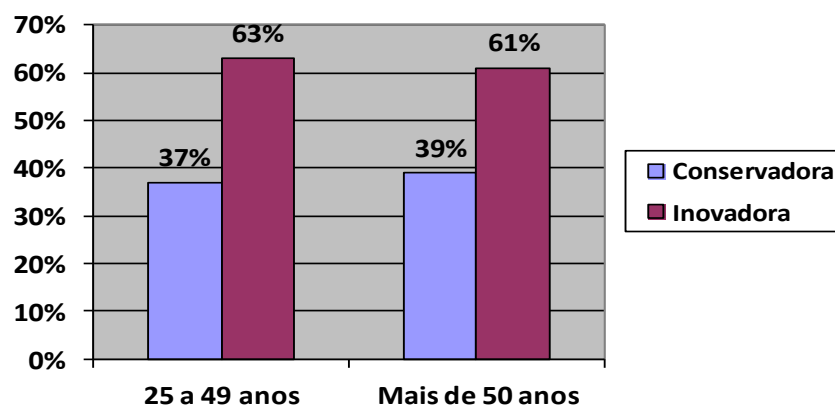
Ainda com uma significância menor que a primeira, a segunda variável demarcada como não significativa foi Faixa Etária, conforme nos apresenta os dados da tabela 14, os números percentuais não indicam influência no processo de variação.

Tabela 14- Predicativos do objeto e variável faixa etária

Log likelihood = -60,122 Significance = 0,849

Faixa etária	Apl./Total	Porcentual
25 a 49 anos	12/32	37%
Mais de 50 anos	23/58	39%

Apesar do descarte da variável, os dados nos apresentam um cenário em que a faixa etária mais elevada apresenta-se empregando em maior escala a variante inovadora que a conservadora. O gráfico 14 nos apresenta um paralelo percentual entre a utilização das variantes inovadora e conservadora.

Gráfico 14- variável faixa etária: comparativo percentual

7 ANÁLISE COMPARATIVA

Após apresentarmos separadamente as análises entre os predicativos do sujeito e do objeto, propomos uma apresentação comparativa, objetivando evidenciar fatos que comprovem ou refutem as hipóteses iniciais e que corroborem para a finalização do objetivo principal traçado para esta pesquisa: descrever as variáveis linguísticas e sociais que regem a presença ou ausência de marcas formais de plural nos predicativos dos dados analisados e trazer à tona evidências que apontem para um estágio de variação linguística estável ou para um processo de mudança em progresso.

7.1 AS VARIÁVEIS SOCIAIS

A observação das variáveis sociais busca definir um quadro de variação observando um processo de variação estável ou de mudança em progresso. Se variação estável, conclui-se que a variação tende a se manter por um longo período de tempo; se mudança em progresso, implica dizer que o processo de variação caminha para uma resolução em favor de uma das variantes identificadas, tornando o uso dessa variante praticamente categórico dentro da comunidade de fala.

As pesquisas sociolinguísticas tendem a traçar um perfil de mudança em progresso e de variação estável por meio da combinação dos resultados das variáveis sociais **idade, sexo, classe social e nível de escolaridade**. Na análise dos dados de predicativos do sujeito e do objeto, as variáveis sociais analisadas foram: faixa etária, escolaridade e sexo, não existindo, portanto, nenhum registro de classe social.

Após proceder às rodadas, observamos que foi recorrente a seleção da variável **Sexo** como estatisticamente significativa nos dois tipos de predicativos; também se repetiu a seleção de variáveis sociais não significativas, tendo inclusive uma mesma ordem: **escolaridade e faixa-etária**.

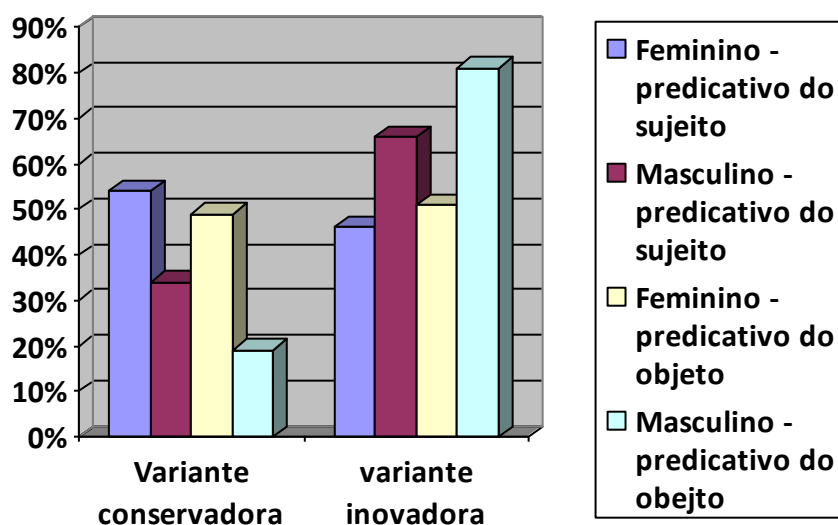
Quadro 3 - Significância das variáveis sociais

Variáveis sociais	Predicativo do sujeito	Predicativo do objeto
Sexo	Significativa	Significativa
Escolaridade	Não- significativa	Não- significativa
Faixa-etária	Não- significativa	Não- significativa

No que diz respeito à variável **Sexo** e ao processo de variação e mudança linguística, a literatura nos afirma que em situações de **variação estável** as mulheres tendem a ser mais sensíveis ao uso das formas de prestígio. Ao observarmos os resultados obtidos nas rodadas com predicativo do sujeito e com predicativo do objeto, observamos que o sexo masculino está à frente na utilização da variante inovadora enquanto o sexo feminino permanece em número elevado utilizando a variante conservadora, de prestígio.

O gráfico 15 apresenta a união dos resultados da variável **Sexo** para predicativo do sujeito e do objeto.

Gráfico 15 - Predicativos do sujeito e do objeto – variável sexo

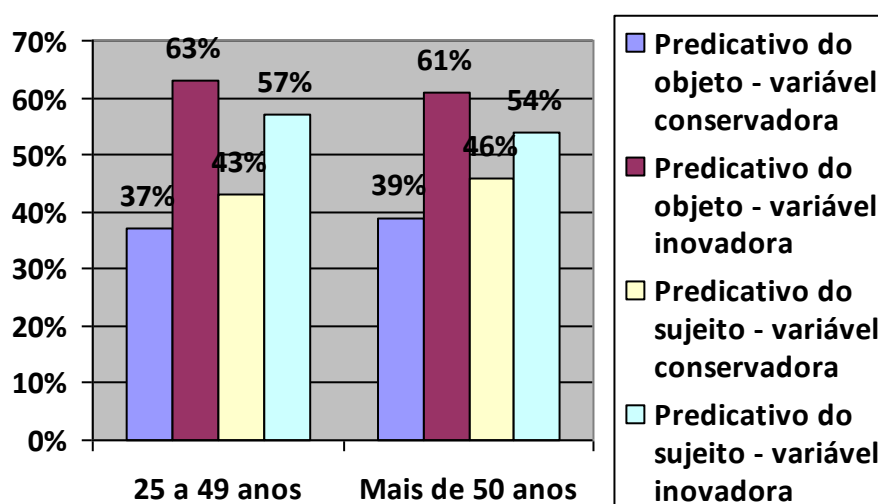


Baseando-nos nas afirmações de Labov (2001), os dados da variável **sexo**, apesar de não serem resolutivos, são bons instrumentos iniciais para indicar mudanças *from below* e *from above*. Os dados de nossa análise apontam para o fato de as mulheres utilizarem mais a forma de prestígio do que os homens, isso pode ser indicativo de uma mudança vinda de cima.

No que tange à variável **faixa etária**, a literatura sociolinguística descreve que uma variação estável se caracterizaria pelo fato de as faixas intermediárias apresentarem a maior frequência de uso das formas de prestígio; Já a mudança em progresso é caracterizada pela inclinação da faixa etária jovem ao frequente uso da forma inovadora.

Em nossos dados, a **faixa etária** não foi uma variável selecionada como significativa, uma vez que os números não se apresentaram com diferenças significativas. Entretanto, nós optamos em apresentar visualmente no gráfico 16 o cruzamento dos dados percentuais de uso das variáveis de prestígio e inovadora distribuídos nas duas faixas etárias analisadas.

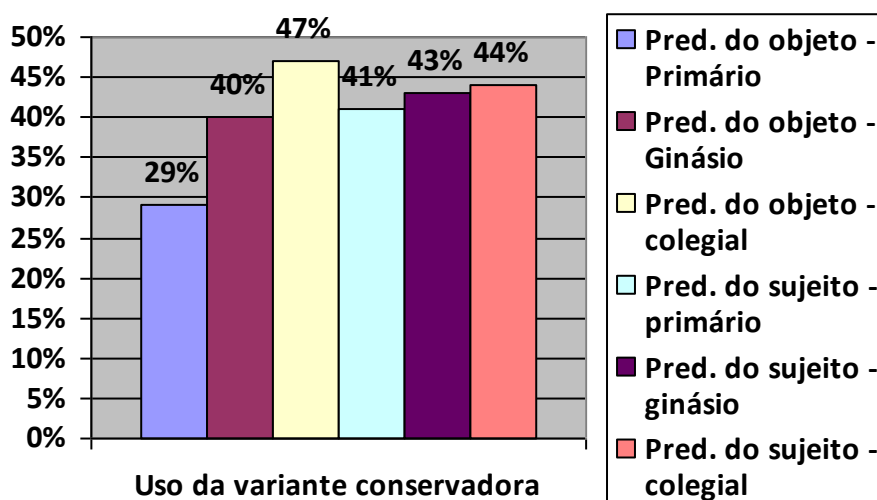
Gráfico 16 – predicativos do sujeito e do objeto: variáveis de prestígio X inovadora



Os dados comparados nos mostram uma maior inclinação da faixa etária jovem ao uso da variante inovadora, embora, percentualmente, a variante inovadora também se sobreponha à conservadora na faixa mais velha.

No que tange à variável **escolaridade**, observamos que a variante inovadora é usada em maioria percentual em todos os níveis de escolaridade. Entretanto, conforme demonstra o gráfico 17, à medida que aumenta o nível de escolaridade também aumenta o uso de marcação formal de plural nos predicativos tanto do sujeito quanto do objeto.

Gráfico 17 – Predicativos do sujeito e do objeto – marcação formal de plural



Para afirmarmos acerca de um processo de mudança em progresso ou de variação estável, deveríamos contrapor os dados das variáveis sociais analisadas (**sexo, faixa etária e escolaridade**) com outra variável social que possibilitasse uma medição também de escala social. O processo de variação estável seria afirmado caso o cenário encontrado fosse um em que os falantes das classes mais altas e de maior nível de escolaridade utilizassem com mais frequência as formas de prestígio do que os falantes de classes mais baixas e menor nível de escolaridade.

Como aponta a literatura, são inúmeros os fatores que influenciam em um processo de variação ou mudança e eles – os fatores – não são apenas de ordem externa, fatores sociais como sexo, escolaridade ou faixa-etária – mas também podem ser fatores de ordem interna ao sistema linguístico, fatores estruturais como fonológico, morfológico, sintático, semântico, discursivos e lexicais.

Os dados analisados apresentam um cenário em que os fatores de ordem interna têm grande relevância no processo de variação linguística e os fatores sociais parecem não parecerem estar sendo decisivos.

7.2 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

Partindo da constatação da ausência de força dos fatores sociais no processo de variação na marcação de plural dos predicativos do sujeito e do objeto, buscamos encontrar os fatores linguísticos que estivessem à frente desse processo.

O quadro 4 apresenta os fatores linguísticos analisados e sua significância em cada um dos tipos de predicativo.

Quadro 4- Fatores linguísticos

Fatores linguísticos	Predicativos do sujeito	Predicativos do objeto
Tipo de sujeito	Significativo	Não se aplicou
Tipo de concordância não padrão	Não significativo	Não se aplicou
Presença – ausência de intensificadores	Significativo	Significativo

7.2.1 Os fatores estruturais: presença e ausência dos intensificadores

Significativa tanto para o predicativo do sujeito quanto para o predicativo do objeto, a variável linguística **presença e ausência dos intensificadores** trouxe dados relevantes para um processo reflexivo acerca da influência de fatores linguísticos no processo de variação na marcação de plural dos predicativos.

Tanto nas estruturas do predicativo do sujeito quanto do objeto, encontramos a presença de intensificadores como um fator relevante no processo de marcação formal de plural; dessa forma, os dados apresentam uma maior tendência de apresentar um predicativo com plural formalmente marcado, quando este estiver precedido por um intensificador.

Levantamos três hipóteses para a possível influência dos intensificadores na marcação formal de plural, no entanto apenas a hipótese 2 foi testada neste estudo, ficando as outras duas em aberto para estudos futuros.

Hipótese 1 – A posição sintática do intensificador tem influência na ocorrência de marcação formal de plural.

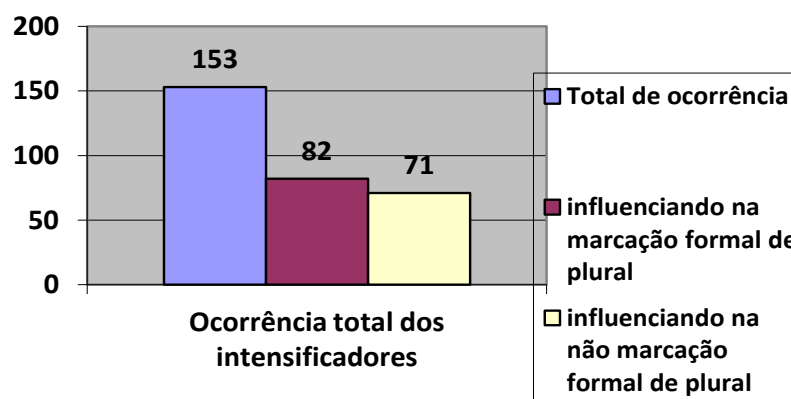
Hipótese 2 – A estrutura fonológica e/ou morfológica do intensificador influencia na ocorrência de marca formal de plural no predicativo.

Hipótese 3 – Há maior probabilidade de o sintagma verbal apresentar-se formalmente marcado quando há presença de intensificador influenciando positivamente na marcação formal de plural no predicativo.

Ao procedermos a um levantamento dos intensificadores mais encontrados no corpus, observamos que os dois mais recorrentes foram **mais e muito**, nessa ordem para os predicativos do sujeito e em ordem inversa para os predicativos do objeto.

Os dados nos apresentam os seguintes números: somando as ocorrências de intensificadores nos predicativos do sujeito e do objeto, temos um total de 153, nesse montante somam-se estruturas com marcas formais de plural e estruturas com plural não marcado, conforme apresenta o gráfico 18.

Gráfico 18 – Total de ocorrência de intensificadores – predicativo do sujeito e do objeto em números absolutos



Na somatória dos dados totais, encontramos a seguinte escala de aparecimento de intensificadores: **mais** (64 ocorrências), **muito** (38 ocorrências), **bem** (24 ocorrências) **outros intensificadores** (27 ocorrências).

Tomando por base as 82 ocorrências de intensificadores influenciando na marcação formal de plural, novamente voltamos aos dados, buscamos observar quais os

intensificadores mais e menos recorrentes. Obtivemos, então, as seguintes informações:

- A) Do total de 38 ocorrências do intensificador **muito**, mais de 81% ocorreu em contexto de influência na marcação formal de plural do predicativo.
- B) Do total de 64 ocorrências do intensificador **mais**, pouco mais de 34% ocorreu em contexto de influência na marcação formal de plural do predicativo.
- C) Do total de 24 ocorrências do intensificador **bem**, 50% ocorrem em contexto de influência na marcação formal de plural do predicativo.
- D) Do total de 27 ocorrências de **outros intensificadores**, aproximadamente 63% ocorreram em contexto de influência na marcação formal de plural do predicativo.

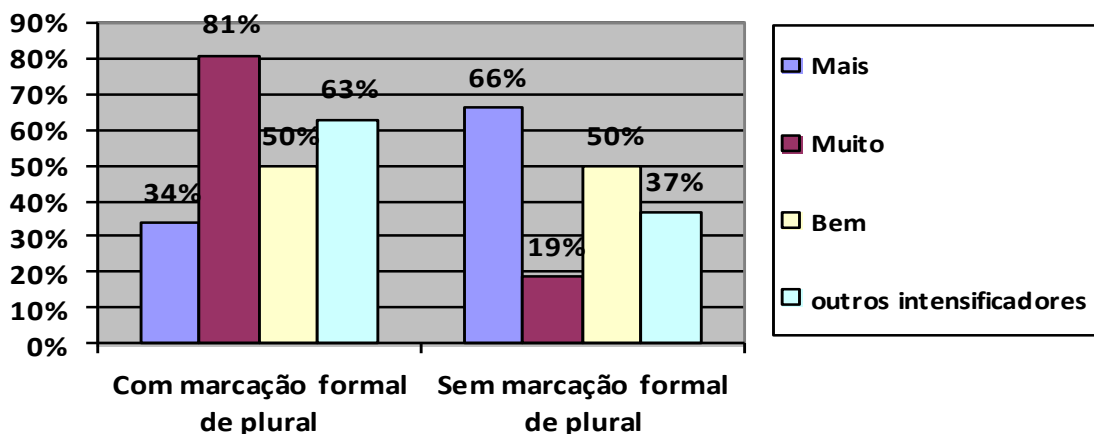
Partindo desses dados, apresentamos a tabela 15 com o percentual de ocorrência de cada intensificador em contextos com e sem marcação formal de plural.

Tabela 15- percentual de ocorrência dos intensificadores

Intensificador	Com marcação formal de plural	Sem marcação formal de plural
Mais	34%	66%
Muito	81%	19%
Bem	50%	50%
Outros	63%	63%

O gráfico 19 apresenta a mesma comparação exibida na tabela 15:

Gráfico 19 - Percentual de ocorrência total dos intensificadores



Os estudos acerca da influência da estrutura fonética-morfológica do intensificador na marcação formal de plural não é conclusiva, mas parece apontar para o fato de que o intensificador **mais** atua na implementação da não-marcação formal de plural do predicativo.

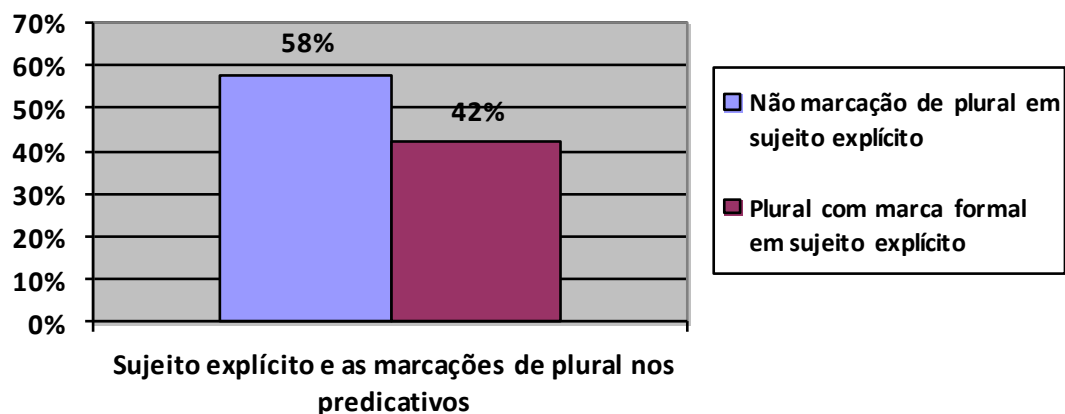
7.2.2 Os fatores estruturais: variável tipo de sujeito

Para o predicativo do sujeito, a primeira variável linguística selecionada como significativa foi o **Tipo de sujeito**. Nos números fornecidos por ela, encontramos a comprovação de que as estruturas de sujeito explícito são mais recorrentes na língua que as de sujeito implícito, mostrando a tendência da língua em apresentar estruturas com preenchimento do sujeito.

Outra informação decorrente dos dados expostos é o fato de que o sujeito implícito acarreta um predicativo com maior uso de concordância padrão na marcação de plural: em peso relativo (P.R.), o sujeito implícito apresenta 0.79 para

marcação formal de plural, ao passo que o sujeito explícito apresenta P.R. 0.47. Essa comparação, feita em números percentuais, é apresentada no gráfico 20.

Gráfico 20 – Sujeito explícito e as marcações de plural nos predicativos



Partindo desses dados, podemos afirmar que o preenchimento explícito do sujeito parece estar favorecendo a implementação da não-marcação formal do plural nos predicativos do sujeito.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentaremos agora uma visão de conjunto do trabalho realizado, na forma de síntese da pesquisa desenvolvida.

Acreditamos que os objetivos descritos no capítulo introdutório foram alcançados com sucesso: primeiro apresentamos um registro teórico sobre o processo de predicação; segundo, deixamos registros teóricos no que se refere ao aprimoramento do ensino da língua portuguesa; terceiro, descrevemos e explicamos o conjunto de variáveis linguísticas e extralinguísticas que regem a presença ou ausência de marcas formais de plural nos dados de predicativos do sujeito e do objeto analisados. Assim consideramos que fica registrada uma contribuição a mais acerca do funcionamento do português.

Fizemos a apresentarmos da questão da predicação sob dois prismas: o da gramática tradicional e o de estudos linguísticos e concluímos que a predicação ainda é um campo de estudos ainda pouco explorado, necessitando de pesquisas comparativas que tratem o tema com profundidade. Apesar da aparente superficialidade da abordagem, foi possível constatar que nem todo tipo de palavras e expressões predicativas constam da Gramática Tradicional e, nesse sentido, essa perspectiva teórica deixa a desejar, visto que os exemplos por ela aduzidos são os mais comuns. Os trabalhos descritivos vêm empenhando seus esforços em demonstrar e descrever que a estrutura de predicação do português brasileiro é bastante mais complexa que o deixa entrever a gramática tradicional.

Focalizando o cenário de educação brasileira no que tange ao ensino de língua portuguesa, apontamos a necessidade de conhecimentos sociolinguísticos no processo de ensino de uma língua materna e registramos contribuições úteis que poderão ser retomadas em estudos futuros acerca do aprimoramento do ensino de língua portuguesa no tocante à predicação.

Quando descrevemos e explicamos o conjunto de variáveis linguísticas e sociais que regem a presença/ausência de marca formal de plural nos predicativos do sujeito e objeto, possibilitamos a construção de um processo de indagação que comprovou algumas hipóteses iniciais, refutou outras e criou novas hipóteses para estudos futuros. Apesar de o conjunto de análise ser formado por três variáveis sociais: **sexo, escolaridade e faixa etária**, somente a variável **sexo** foi selecionada

tanto para o predicativo do sujeito quanto para o predicativo do objeto. Os resultados apontam para o fato de que a marcação formal de plural está sendo feita mais pelo sexo feminino que pelo sexo masculino. Confirmam-se as hipóteses de outros estudos sociolinguísticos de que quando as mulheres estão à frente de um processo de variação, essa é a forma de prestígio. Nesse sentido, o fato de os homens estarem usando em maior número a forma inovadora demonstra que essa pode ser uma variável desprestigiada socialmente.

A variável **escolaridade** não foi selecionada como significativa nos dados analisados, esse fato pode significar que, nesta amostra, não há uma relação estreita entre o grau de escolaridade e o maior/menor uso de marcação formal de plural nos predicativos, tanto mais que as duas possibilidades estão numericamente muito próximas.

Na análise da variável **faixa etária**, também não selecionada, observamos que, muito embora as faixas A e B usem expressivamente a variável inovadora, os números apontam para o que seria uma inclinação da faixa etária mais jovem quanto a não marcação formal de plural nos predicativos do sujeito e do objeto.

Todos os dados obtidos e analisados apontam, então, para um processo de variação linguística em que os fatores sociais não estão sendo relevantes e decisivos. Partindo da constatação da ausência de força dos fatores externos no processo de variação na marcação de plural dos predicativos do sujeito e do objeto, buscamos encontrar os fatores linguísticos que estivessem à frente desse processo.

Como vimos, na ausência de variáveis que possibilitassem as análises propostas, criamos um conjunto composto por três variáveis linguísticas que nos proporcionasse analisar a relação existente entre a estrutura dos elementos do sintagma nominal e do sintagma verbal: **tipo de concordância não-padrão, tipo de sujeito e presença/ausência de intensificadores**.

O **tipo de concordância não padrão** foi utilizado com dois objetivos: o primeiro foi caracterizar os três tipos de estrutura não-padrão encontrados nos dados analisados; o segundo foi demonstrar a quantidade total de ocorrências do tipo *padrão* e o dos chamados *não-padrão*. Para essa variável, encontramos duas hipóteses iniciais confirmadas: a primeira diz que as estruturas com marcação não-formal de plural superariam numericamente aquelas com marcação formal; a segunda hipótese diz respeito ao fato de não serem encontrados nos dados exemplos de estruturas nomeadas como sendo **do tipo 4** (em que sujeito e

predicativo apareceriam com marcas formais de plural enquanto o verbo apareceria não-marcado).

No que tange à variável **características do sujeito**, que trata de sujeitos explícitos e implícitos nas orações, a expectativa inicial era a de que sujeitos implícitos tenderiam a inibir a perda de marcação formal de plural do SV. A hipótese foi confirmada, uma vez que estruturas com sujeito desinencial apresentaram maior conservação de marca formal de plural na estrutura do predicativo.

A variável **presença X ausência de intensificadores** visou identificar a influência de intensificadores (*mais, muito e bem*) na marcação formal de plural nos predicativos. Para essa variável, a expectativa inicial foi a de encontrar os intensificadores como influência negativa na manutenção da marcação formal de plural. A análise dos dados negou a hipótese inicial, uma vez que ocorre exatamente o oposto: o uso de intensificadores, em sua maioria, influencia na manutenção da marcação formal de plural nos predicativos tanto do sujeito quanto do objeto. Uma vez não confirmada a hipótese inicial e confirmado o fato de que os dados apresentam uma maior tendência de apresentar predicativo com plural formalmente marcado quando precedidos por um intensificador, decidimos analisar com maior detalhamento os intensificadores e buscar novas hipóteses para explicar que tal fato estivesse ocorrendo. Para isso, reanalisamos os dados de predicativos do sujeito e do objeto com presença de intensificadores e elencamos os mais recorrentes. Em seguida, quantificamos cada intensificador: suas ocorrências e possíveis influências na manutenção de marca formal de plural.

Levantamos então, três hipóteses: apenas a hipótese 2 foi testada neste estudo, ficando as outras duas em aberto para estudos futuros.

Hipótese 1 – A posição sintática do intensificador tem influência na ocorrência de marcação formal de plural.

Hipótese 2 – A estrutura fonológica e/ou morfológica do intensificador influencia na ocorrência de marca formal de plural no predicativo.

Hipótese 3 – Há maior probabilidade de o sintagma verbal apresentar-se formalmente marcado quando há presença de intensificador influenciando positivamente na marcação formal de plural no predicativo.

Na testagem da hipótese 2, quantificamos a ocorrência de alguns intensificadores e analisamos sua possível influência na marcação formal de plural

da estrutura do predicativo. Obtivemos o intensificador **muito** com mais de 81% de ocorrência na marcação formal de plural do predicativo; o intensificador **bem** apresenta 50% de ocorrência na marcação formal de plural do predicativo; o intensificador **mais** apresenta pouco mais de 34% de ocorrências na marcação formal de plural do predicativo; **outros intensificadores** ¹⁷ com 63% de ocorrência na marcação formal de plural do predicativo.

Analisando a influência da estrutura fonético-morfológica do intensificador na marcação formal de plural, os dados parecem apontar para o fato de o intensificador **mais** destoar dos demais na implementação da não-marcação formal de plural do predicativo. Esse fato pode estar ocorrendo porque **mais**, terminando em **s**, tenda a ser interpretado como contendo a marca de plural, o que inibiria, segundo as regras da concordância nominal, a ocorrência da marca do que viria depois.

Em vista desses resultados, análises futuras poderão ser efetuadas em um *corpus* ampliado com finalidade de responder a perguntas como: a presença dos intensificadores *muito* e *bem* estaria influenciando na marcação formal de plural dos predicativos? Qual é o comportamento desses intensificadores quando o escopo é verbal? A estrutura do intensificador (se formado por uma ou mais palavras ou o número de sílabas que o formam) influencia na constância da marcação formal de plural da estrutura? O intensificador *mais* está influenciando o processo de não marcação formal de seu escopo? Qual a relação das outras estruturas da sentença e suas marcações de plural com a presença dos intensificadores? O sintagma verbal apresenta-se mais ou menos marcado em estruturas com intensificadores? Qual a relação da marcação formal de plural com a posição do intensificador? Intensificadores pospostos ao predicativo do sujeito têm menor influência?

O encaminhamento da pesquisa com intensificadores levará para uma análise do processo de intensificação em nível frasal, observando, além de suas relações com os predicativos, o processo de intensificação verbal ¹⁸ e intrassintagmático nominal¹⁹.

¹⁷ Lembramos que, devido a pequena quantidade de dados, os demais intensificadores foram agrupados.

¹⁸ Os meninos que **caíram mais** são aqueles.

¹⁹ **Os alunos muito dedicados** são bons profissionais.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, Tânia Maria. 2002. **Língua e Discriminação**. In: GTNM – Jornal do Grupo de Tortura Nunca Mais. Rio de Janeiro, Ano 17, nº. 43, Dezembro de 2002.

BAGNO, M. Preconceito Linguístico. O que é como se faz. Rio de Janeiro: Loyola, 1999.

_____. A inevitável travessia: da prescrição gramatical à educação linguística. In: ____; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. Língua materna: letramento, variação & ensino. São Paulo: Parábola, 2002, p. 13-84.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Problemas de comunicação interdialeto**. Revista Tempo Brasileiro, 78/79, Rio de Janeiro, jul/dez.1984, p. 9-32.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora?** São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental: Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998

CARDOSO, Silva H. Bardi. **Discurso e Ensino**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999

CASTILHO, A . T. de. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.

_____, **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010

COELHO, R. F. (2006) **É nós na fita! Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana. O pronome de primeira pessoa do plural e a marcação de plural no verbo**. Dissertação de Mestrado. FFLCH-USP.

COSTA, Iara B.; KNIES, Clarice B. (Org.). **Manual do usuário Banco de Dados Linguísticos VARSUL**, 1995.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3ª ed.– Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DIAS, Juçá Fialho Vazzata. **A concordância de Número nos Predicativos e nos Participios Passivos na fala da região Sul: um estudo variacionista**. Florianópolis. Dissertação de Mestrado, 1996.

GUIMARÃES, Márcio R. **Dos intensificadores como quantificadores: os âmbitos da expressão da quantificação no português do Brasil**. Tese (Doutorado em Linguística) - SCHLA, UFPR. Curitiba, 2007.

LABOV, William. **Sociolinguistic pattern**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972aa.

_____. **Language in the inner city**. Philadelphia. University of Pennsylvania Press. 1972ab

_____. **Intensity**. In: SCHIFFRIN, Deborah (org.) *Meaning, Form and Use In Context: Linguistic Applications*. Washington, DC: Georgetown University Press, 1984. pp. 84-103.

_____. **Principles of Linguistic Change – Social Factors**. Oxford: Blackwell, 2001

LOPES, C.A.G. **A intensificação no português: o intensificador e sua expressão**. São Paulo. Dissertação de mestrado, 1992

LOREGIAN, Loremi. **Concordância verbal com o pronome ‘tu’ na fala do Sul do Brasil**. Florianópolis: 1996. Dissertação de Mestrado.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. **(Re)Análise da referência da segunda pessoa na fala da Região Sul**. Curitiba: 2004. Tese de doutorado.

LOREGIAN-PENKAL, L. ; MENON, O. P. S. ; FAGUNDES, Edson Domingos . **Análise da concordância nominal em Irati e Pato Branco, PR**. Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), v. 40 (2), p. 1099-1109, 2011.

LUFT, Celso Pedro. *Língua e Liberdade*. São Paulo, SP: Ática, 2002

MOLLICA, M. Cecília (org.). **Introdução à Sociolinguística Variacionista**. Cadernos didáticos. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ. 1992.

_____. **“Como o brasileiro fala, percebe e avalia alguns padrões linguísticos”**. Rio de Janeiro: Ed. Flores Verbais, p. 121-129, 1995.

_____. **“Influência da fala na alfabetização”**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

MOURA, Maria Denilda. **A língua falada em Alagoas**. In: Anais do I Encontro Nacional Sobre Língua Falada e Ensino – Universidade Federal de Alagoas/ Coordenação do Mestrado em Letras – Maceió: EDUFAL, 1995, p. 50-56.

_____. **A fala e a escrita na sala de aula – uma questão para a Linguística e para o ensino de língua**. In: ABRALIN: Associação Brasileira de Linguística – Maceió: Boletim 18, Imprensa Universitária/UFAL. 1996. p.72-76.

_____. (org.). **Variação e ensino**. Maceió: EDUFAL, 1997.

NINA, T. de J. C. (1980). **Concordância nominal/verbal do analfabeto na microregião de Bragantina**. PUC, Rio Grande do Sul. 165p. Dissertação de Mestrado, inédito.

POSSENTI, S. 2000. **Mal comportadas línguas**. Curitiba. Criar Edições

RODRIGUES, A. C. de S. (1987) **A Concordância Verbal no Português Popular em São Paulo**. Tese de Doutorado apresentado ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH - USP, São Paulo.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; & TAGLIAMONTE, S. GOLDVARB2001. Disponível em <<http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb/>>. Acesso em 10 de abril de 2012.

SCHERRE, Maria Marta Pereira . **A Regra de concordância de número no sintagma nominal em Português**. In: III Encontro Nacional de Linguística - PUC - RJ, 1979, Rio de Janeiro. Anais/ Rio de Janeiro: PUC, 1978. p. 04-62.

_____. **Relação entre classe gramatical e posição na concordância nominal em Português**. In: XXXII Seminário de Linguística do GEL-IELUNICAMP 1988, CAMPINAS. Anais/ São Paulo. São Paulo : IEL UNICAMP, 1988. p. 364-373.

_____. Doa-se lindos filhotes de poodle. Variação linguística, mídia e preconceito. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005

SOARES, M. 1993. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo. Ática,

TARALLO, Fernando (org.). **Fotografias sociolinguísticas**. Campinas: Ed. Pontes, 1989.

_____. **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1990

WEINREICH, U. LABOV e HERZOG, M. 1968. **Empirical Foundation for a theory of language change**. In: W. Lelmann and Y. Malkiel (eds) Direction for Historical Linguistics. Austin. University of Texas Press. 1968.